

O sofrimento no pensamento do Papa João Paulo II

Suffering in the thought of John Paul II

D. LUIZ HENRIQUE DA SILVA BRITO*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar o tema do sofrimento à luz da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* do Papa João Paulo II. Percebe-se a preocupação do papa em refletir sobre o senso ligado a obra salvífica de Cristo e a dimensão profunda, que é o amor testemunhado na Cruz. A Carta Apostólica analisa a tentativa de resposta no Antigo Testamento e apresenta o fruto maduro na contemplação deste tema no Novo Testamento, especialmente à luz da vida de Cristo, como também aborda as tentativas dos pensadores modernos. Vislumbra-se, desta forma, a mensagem segura do Papa João Paulo II e sua convicção na vitória do amor sobre o sofrimento, como também oferece uma contribuição inestimável para a teologia pastoral. A busca de um sentido para a dor física e moral é um grande desafio para a fé e não deixa de ser um caminho árido, porém, contemplar um Deus que por amor sofre nos conduz a um agir moral que supera a tentação da desesperança.

Palavras-chave: João Paulo II. Sofrimento. Senso. Prova. Desafio. Fé. Salvifici Doloris.

Abstract: This paper aims to present the theme of suffering in the light of the Apostolic Letter *Salvifici Doloris* of Pope John Paul II. We can see the concern of the Pope to reflect on the sense attached to Christ's salvific works and the profound dimension, which is the love demonstrated on the Cross. The Apostolic Letter analyzes the attempt to answer in the Old Testament and presents the ripe fruit in the contemplation of this subject in the New Testament, especially in light of the life of Christ, and also discusses the attempts of modern thinkers. One glimpses thus, the secure message of Pope John Paul II and his belief in the victory of love over suffering, but also provides an invaluable contribution to pastoral theology. The search for a meaning for the physical and moral pain is a major challenge to faith and it remains an arid path, however, contemplation of a God who suffers for love leads us to a moral action that overcomes the temptation of despair.

Keywords: John Paul II. Suffering. Sense. Proof. Challenge. Faith. Salvifici Doloris.

* Dom Luiz Henrique da Silva Brito é Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro. E-mail: lhsilvabrito@hotmail.com

1 Em busca de um senso para o sofrimento

1.1 Parte introdutória

O que levou o Papa João Paulo II a escrever uma carta sobre o tema do sofrimento? Provavelmente movido por esta experiência misteriosa que acompanha a humanidade¹ e, principalmente, por sua própria experiência. O seu Pontificado recebeu essa característica particular, como se pode depreender dos acontecimentos que o marcaram. No dia 13 de maio de 1981, ao atravessar a Praça de São Pedro para saudar os fiéis ali reunidos, do revólver do terrorista turco Ali Agca foi disparado um tiro que o feriu gravemente. Enquanto de toda a Igreja se elevavam preces ao Senhor para obter a salvação da vida do Vigário de Cristo, na Polônia, outro pastor, Cardeal Wyszynski, jazia enfermo, quase no fim da sua vida. Ele havia predito ao novo Sumo Pontífice que faria a Igreja entrar no Novo Milênio. Precisamente no momento em que o Bispo de Roma se encontrava internado num leito hospitalar, o purpurado polaco morria no dia 28 de maio de 1981.

Estes episódios marcaram profundamente o Pontificado de João Paulo II, a tal ponto que, tendo-se restabelecido, depressa lançou mãos à obra e projetou uma Carta Apostólica dedicada ao sentido cristão do sofrimento humano². Trata-se de um documento programático, esclarecedor, elaborado num período em que o consumismo e as doutrinas ateias corriam o risco de influenciar profundamente a vida dos fiéis e até mesmo o ensinamento daqueles que eram encarregados da formação do povo de Deus. O Papa vê na realidade do sofrimento um desafio muito grande à concepção materialista e consumista da

¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1500-1501: “A doença e o sofrimento estiveram sempre entre os problemas mais graves que afligem a vida humana. Na doença, o homem experimenta a sua incapacidade, os seus limites, a sua finitude. Qualquer enfermidade pode fazer-nos entrever a morte. A doença pode levar à angústia, ao fechar-se em si mesmo e até, por vezes, ao desespero e à revolta contra Deus. Mas também pode tornar uma pessoa mais amadurecida, ajudá-la a discernir, na sua vida o que não é essencial para se voltar para o que o é. Muitas vezes, a doença leva à busca de Deus, a um regresso a Ele”.

² ANGELINI, F.; REDRADO, J. L.; RUFFINI, F. (a cura di). *Giovanni Paolo II e la sofferenza*. Gorle: Velar, 1995, p. 44. O Cardeal Angelini, ao comentar a teologia do Papa João Paulo II sobre o sofrimento, afirma: “i capisaldi di questa teologia si possono raccogliere intorno ad una affermazione centrale della lettera apostolica Salvifici Doloris, dove esse afferma: ‘Cristo allo stesso tempo ha insegnato all’uomo a far del bene con la sofferenza ed a far del bene a chi soffre.’”

vida, muito dominante na sociedade atual a ponto de não perceber no sofrimento um possível fator de crescimento da pessoa. Pelo contrário, seria mais uma experiência inútil que se deve evitar a todo custo. Não somente isso, o próprio clamor do povo sofrido, diante de suas angústias, sofrimentos morais e físicos tocaram profundamente a sensibilidade pastoral do Papa.

A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* reacendeu a reflexão de muitos pensadores sobre o tema do sofrimento. Esse documento pontifício trata, pela primeira vez, o sofrimento de um modo sistemático e pedagógico, inclusive, notaram os especialistas, que a linguagem utilizada pelo pontífice possui uma originalidade por não ser uma teologia impessoal, com uma linguagem excessivamente técnica. O texto possui uma riqueza de caráter profético-sapiencial, que convida à conversão, a uma dimensão de esperança e amadurecimento diante da realidade da dor³.

Ao introduzir o tema do sofrimento, João Paulo II deixa bem claro que não pretende esgotá-lo. Considera-o como um mistério que acompanha a vida, algo essencial à natureza humana⁴ que pertence à sua transcendência. O homem, ao se deparar com essa experiência, tende a superar-se, indicando a sua realidade limitada, mas sem que isso signifique um capitular-se diante do óbvio. É, na verdade, chamado a transpor os limites a um nível muito mais elevado de realização. A questão do aspecto misterioso no sofrimento não significa impossibilidade de encontrar uma resposta, mas significa que não é possível esgotar tal verdade totalmente porque se encontra entrelaçada com o tema da liberdade, da verdade e da vida. Por conseguinte, a tentativa de uma solução simples está fadada ao fracasso⁵.

O Papa é consciente da dimensão misteriosa do sofrimento no sentido em que a razão humana não consegue alcançar toda a amplitude desta ex-

³ Cf. MARTINS, J. S. Tra resistenza e resa: il mistero del dolore a vent'anni dalla *Salvifici Doloris*. In: CINÀ, G. (a cura di). *Il dolore tra resistenza e resa*. Camilliane 2004, p. 72.

⁴ SD, n. 2: "... ainda que os sofrimentos do mundo dos animais sejam bem conhecidos e se aproximem dos do homem, aquilo que nós exprimimos com a palavra "sofrimento" parece significar qualquer coisa de essencial à natureza humana. É algo tão profundo como o homem, precisamente porque manifesta a seu modo aquela profundidade que é própria do homem e, a seu modo, a supera."

⁵ CASCONI, M. *Diakonia della vita* – Manuale di Bioetica. Roma: Edizione Università della Santa Croce, 2004, p. 242: "Volendosi porre realmente al servizio della persona e della sua altissima dignità, la bioetica non può eludere il problema della sofferenza, né può pensare di risolverlo semplicisticamente mediante l'avallo di ogni umano desiderio, ivi compreso quello di farla finita con un'esistenza divenuta insopportabile... L'interrogativo sul dolore è ineludibile e tutti i tentativi di esorcizzarlo appaiono ingenui, se non addirittura goffi."

periência. O modo mais apropriado se baseia no seguimento de Cristo que lança um convite a participar através do sofrimento da obra de salvação que se realiza por meio da experiência da dor (Cf. Mt 16,24; 1Pd 3,18). É uma prova tão intensa que pode levar a uma certa dúvida sobre a bondade e a existência de Deus e, por conseguinte, a uma rebelião, a uma ideia de que a vida é algo absurdo, sem sentido. Não é difícil perceber nos existencialistas uma tendência ao ateísmo⁶, justamente por não aceitarem ou considerarem o absurdo do sofrimento, não reconhecendo a existência de um Deus que é misericordioso, justo, bom, mas que, segundo eles, permite o sofrimento dos inocentes. É Cristo que vem em socorro desta atroz dúvida e, a partir do momento que o crente se configura a Cristo é capaz de descobrir um caminho de crescimento, tornando-se, de uma certa forma, caminho para os outros, para a Igreja⁷ que nasce do mistério da cruz do Senhor. O testemunho de tantos séculos atesta como este caminho é importante, e o quanto enriquece e transforma a face da Igreja, transfigurando-a para ser esposa imaculada, purificada no cadinho do sofrimento, suscitando um grande respeito, uma admiração profunda e inigualável, capaz de tocar os mais endurecidos⁸ porquanto o silêncio diante da dor é eloquente, a tal ponto que o mistério da dor se mescla com o próprio ser humano que sofre em um mistério de grandeza e fé⁹. Esta é a mensagem que o Papa deixa para a humanidade na Carta Apostólica e na sua própria vida como um testemunho eloquente de esperança e fé no seu sofrimento.

1.2 O mundo do sofrimento

O campo do sofrimento humano, como diz o Papa, possui uma amplitude impressionante ao atingir dimensões nem sempre levadas em consideração quando se trata da questão somente no âmbito físico, como é o caso de um modo de praticar medicina que não leva em conta o aspecto psicoespiritual do ser humano apesar de todas as recentes descobertas e do desenvolvimento tec-

⁶ MCDERMOTT, J. M. *op.cit.*, p. 17: “Uno dei motivi più dolorosi e comprensibili dell’ateismo moderno riguarda la protesta contro la sofferenza nel mondo, soprattutto la sofferenza degli innocenti... Il mondo moderno, rifiutando Dio per esaltare l’umanità, ha spesso perpetrato inaudite atrocità contro l’uomo.”

⁷ Cf. SD, n. 3.

⁸ Cf. SD, n. 4.

⁹ SD, n. 4: “Efetivamente, o homem no seu sofrimento permanece um mistério intangível”.

nológico¹⁰. Verifica-se, por exemplo, que na depressão a dor é mais acentuada, pois a tendência do enfermo depressivo é isolar-se, aumentando ainda mais a sensação incômoda da doença.

A partir da constatação deste quadro é possível fazer uma distinção entre sofrimento físico e moral, por ser a experiência do sofrimento mais complexa que a doença, algo enraizado na própria humanidade. O ponto de partida do Papa é que no homem há este elemento físico e espiritual em uma unidade, pois, quando o homem sente algo indesejável, entende como dor física, enquanto o sofrimento moral é a “*dor da alma*”¹¹. Uma dor de cunho espiritual cuja amplitude tão profunda é difícil de exprimir.

Foi mencionado, acima, o quanto a Sagrada Escritura acena para as inúmeras formas de sofrimento, especialmente, o moral¹² que não deixa de atingir também o aspecto físico como um componente que não deve ser descurado. O organismo reflete, não raras vezes, o que está acontecendo em nível psicoespiritual. Muitas vezes a doença é fruto de um mal interior não curado que sinaliza como o componente moral é importante para a compreensão do sofrimento, isto é, da dor, do abatimento, do desespero, inclusa a experiência do mal por motivo do qual o homem sofre¹³ e que demonstra

¹⁰ Cf. SD, n. 5; CASCONI, M. *Diakonia della vita* – Manuale di Bioetica. Roma: Edizione Università della Santa Croce, 2004, p. 241-242. Sobre a importância de uma medicina que saiba junto com a cura física transmitir esperança: “Il senso del limite e della caducità, che la malattia denuncia, diventa stimolo al suo superamento mediante la forza della speranza, che è sempre presente nel cuore di ogni uomo e che va alimentato non come energia illusoria, ma quale autentica medicina, capace di curare anche i mali ritenuti inguaribili [...]. L'alimentazione costante della speranza di salvezza è certamente uno dei compiti principali della medicina e della bioetica.”

¹¹ Cf. SD, n. 5: “Ainda que se possa usar, até certo ponto, como sinônimas as palavras ‘sofrimento’ e ‘dor’, no entanto o sofrimento físico verifica-se quando, seja de que modo for, ‘dói’ o corpo; enquanto o sofrimento moral é a ‘dor da alma’. Trata-se, de fato, da dor de tipo espiritual e não apenas da dimensão psíquica da dor, que ainda sempre junta tanto com o sofrimento moral, como com o sofrimento físico. A amplitude do sofrimento moral e a multiplicidade das suas formas não são menores do que as do sofrimento físico; mas o primeiro apresenta-se como algo mais difícil de identificar e de ser atingido pela terapia.”

¹² SD, n. 5: O Papa cita algumas situações que denotam este sofrimento moral na Sagrada Escritura “o perigo de morte; a morte dos próprios filhos e especialmente a morte do filho primogênito e único e depois também a falta de descendência; a saudade da pátria; a perseguição e a hostilidade do meio ambiente; o escárnio e a zombaria em relação a quem sofre; a solidão e o abandono; e ainda outros, como: os remorsos de consciência; a dificuldade em compreender a razão por que os maus prosperam e os justos sofrem; a infidelidade e a ingratidão da parte dos amigos e vizinhos; e, finalmente, as desventuras da própria nação.”

¹³ Cf. SD, n. 7.

ser inseparável do tema do sofrimento, pelo questionamento que brota do coração humano: Por quê? A resposta cristã, sintetizada magistralmente pelo Papa, é a seguinte:

O cristianismo proclama que a existência é essencialmente um bem e o bem daquilo que existe; professa a bondade do Criador e proclama o bem das criaturas. O homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, em certo sentido excluído, ou do qual ele próprio se privou. Sofre em particular quando “deveria” ter participação num determinado bem – segundo a ordem normal das coisas – e não a tem. Por conseguinte, no conceito cristão, a realidade do sofrimento explica-se por meio do mal que, de certa maneira, tem sempre referência a um bem.¹⁴

O Papa se empenha em salvaguardar a ação boa e perfeita de Deus na obra da criação. Nada de mal ou obscuro provém de Deus. O mal só pode ser entendido como uma ausência, um afastamento, da criatura verso seu Criador¹⁵.

Há de se levar em conta a questão da individualidade do sofrimento que repercute na humanidade, com seu caráter relacional sem perder, é claro, o aspecto profundamente singular desta experiência. Ninguém com todo ato de solidariedade e compaixão que possa oferecer, assume a dor do outro, ou seja, cada um sofre por sua conta. As correntes de fundo socialista tentaram interpretar o sofrimento, apresentando uma dimensão coletivista no sentido que a pessoa faz parte da espécie humana e, por isso sua dor encontra valor e explicação na espécie que continua, mesmo desaparecendo o indivíduo. Não é difícil verificar uma argumentação retórica que foge ao bom senso devido à realidade insubstituível da pessoa humana. É verdade, a pessoa que sofre, invariavelmente, envolve outros ao necessitar de compreensão e cuidados. Além do incessante questionamento proveniente da sua situação, exigindo um senso para esta realidade, acaba por atingir aqueles que estão em torno. Mas essa resposta ao sofrimento alheio não elimina a experiência profundamente

¹⁴ Cf. SD, n. 7.

¹⁵ COMMISSIO THEOLOGICA INTERNATIONALIS, *Quaestiones selectae de Deo Redemptore*, 29.11.1994 (EV14 n. 1839): “[...] A fé observa que o mal e o sofrimento que influenciam a condição histórica dos seres humanos têm também, em grande medida, a sua origem no coração do ser humano, na sua habitual atitude egoísta; na sua busca de prazer e poder, na sua silenciosa cumplicidade com o mal, na sua capitulação com o mal, na sua terrível dureza de coração. Todavia a revelação bíblica e a fé cristã não perdem a esperança na pessoa humana; pelo contrário, continua a fazer apelo à livre vontade, ao senso de liberdade, à capacidade de tomar uma iniciativa decisiva de mudança, em um momento de clarividente consciência na qual estas faculdades possam ser eficazmente exercitadas”.

pessoal¹⁶. Por outro lado existe também a tendência da sociedade hodierna de cunho individualista que tenta destruir o sofrimento, isolando e até mesmo eliminando o que sofre. A presença da dor se torna insuportável para uma cultura do prazer e da satisfação a todo custo, e quando se tem a coragem de olhar para o seu próximo sofredor a resposta é outra, mais humana e solidária¹⁷.

O mundo do sofrimento também atinge o aspecto da natureza, como “no caso das calamidades, epidemias, catástrofes e cataclismos, ou diversos flagelos sociais”¹⁸. Não é possível deixar de mencionar o flagelo da guerra, especialmente as últimas guerras mundiais. Tantas vidas humanas ceifadas por causa dos erros e transgressões da civilização contemporânea; a ameaça da guerra nuclear. Enfim, um crescimento incomparável do sofrimento e da autodestruição. O homem, infelizmente, mesmo tendo se desenvolvido muito na capacidade tecnológica, produziu um crescimento enorme na capacidade de fazer sofrer seus semelhantes progredindo nos seus erros e culpas.

Neste aspecto surge o interrogativo que o homem se dirige a Deus por permitir tantos males. A resposta não pode ser exaurida devido à dimensão misteriosa do tema, porém, não se deve deixar de mencionar a própria responsabilidade humana com sua maneira imprudente e inadequada de interagir com o mundo. Pode-se enumerar, por exemplo, os acidentes provocados pela irresponsabilidade; os desastres naturais causados, muitas vezes, pela forma como o homem utiliza a natureza, alterando seu equilíbrio; as novas doenças originadas pelo comportamento vicioso humano; o crescente envenenamento das fontes necessárias à vida, como a água, ar, alimentos influenciando de modo negativo a saúde do homem, sem falar nos comportamentos imorais no plano de justiça social e individual que causam tantos danos.

Refletindo também sobre a dimensão social humana, fortemente secularizada, verifica-se um modo muito peculiar de encarar a dor e o sofrimento, considerando-os como o único grande mal para a humanidade a ser eliminado de qualquer forma. A expressão “cultura da morte” utilizada pelo Santo Padre, foi inserida no contexto reflexivo teológico e moral por exprimir o modo de encarar o sofrimento por parte de uma sociedade que procura extirpar a

¹⁶ CASCONI, M. *op. cit.*, p. 246: “La necessaria umanizzazione della medicina passa attraverso il riconoscimento della persona del malato, che vive la sua sofferenza in modo unico, a partire dal suo vissuto e dalla sua originale personalità.”

¹⁷ SD, n. 8: “Embora, o mundo do sofrimento exista na dispersão, contém em si, ao mesmo tempo, singular desafio à comunhão e à solidariedade”.

¹⁸ Cf. SD, n. 8.

indesejável dor eliminando o sujeito que sofre ou aquilo que faz sofrer¹⁹. Encontra-se na raiz das justificativas a favor do aborto, eutanásia²⁰, manipulação do ser humano apenas concebido etc, uma forma de enfrentar, ou melhor, de fugir, a todo custo, do sofrimento intolerável quando a vida adquire valor e é medida somente quando está em condições de aproveitar ao máximo dos bens materiais e quando possui uma eficiência produtiva. A partir do momento em que a realidade do sofrimento diminui a capacidade de usufruir hedonisticamente²¹ da vida, é melhor morrer e eliminar o problema²². Isso certamente não resolve o problema da dor que é temporariamente protelado. Um fundamental serviço que se pode oferecer a uma pessoa que sofre, é ajudá-la na busca de um significado para o momento que padece. Essa pessoa, sentindo-se desencora-

¹⁹ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, 25.3.1995, n. 23: “Em tal contexto, o sofrimento - peso inevitável da existência humana, mas, também fator de possível crescimento pessoal -, é “deplorado”, rejeitado como inútil, ou mesmo combatido como mal a evitar sempre e por todos os modos. Quando não é possível superá-lo e a perspectiva de um bem-estar, pelo menos futura, se desvanece, parece então que a vida perdeu todo o significado e cresce no homem a tentação de reivindicar o direito à sua eliminação”.

²⁰ Ibidem, n. 15: “Ameaças não menos graves pesam também sobre os doentes incuráveis e os doentes terminais, num contexto social e cultural que, tornando mais difícil enfrentar e suportar o sofrimento, aviva a tentação de resolver o problema do sofrimento eliminando-o pela raiz, com a antecipação da morte para o momento considerado mais oportuno...” Ainda alerta o Santo Padre: “Uma trágica expressão de tudo isto, encontramos-na na difusão da eutanásia, ora mascarada e sub-reptícia, ora atuada abertamente e até legalizada. Para além do motivo de presumida compaixão diante da dor do paciente, às vezes pretende-se justificar a eutanásia também com uma razão utilitarista, isto é, para evitar despesas improdutivas, demasiado gravosas para a sociedade. Propõe-se, assim, a supressão dos recém-nascidos defeituosos, dos deficientes profundos, dos inválidos, dos idosos, sobretudo quando não autossuficientes, e dos doentes terminais.”

²¹ FRANKL, V. E. *Alla ricerca di un significato della vita*. Milano: Mursia, 2001, p. 76-77: “[...] la tendenza dell'americano tipico a cercare delle scappatoie dinanzi alle difficoltà, alla sofferenza, all'angoscia ed alla morte, lo precipita in un circolo diabolico, ove l'uomo, che non vede nella sofferenza alcuna possibilità di significato, ma solamente un inadattamento o un sintomo nevrotico, non fa che accrescere ulteriormente la sofferenza che necessariamente incontra nella propria vita: ed è altrettanto più infelice dinanzi a questa ineluttabilità della sofferenza... in questo contesto, di attirare l'attenzione su ciò che chiamerei la tendenza alla fuga dalla sofferenza e verso l'ebbrezza del piacere, così caratteristica nella psichiatria dinamica, tanto diffusa negli Stati uniti, parlando esplicitamente di una corrente edonistica al cui servizio si metterebbe questo orientamento psichiatrico!”

²² JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, 25.3.1995, n. 15: Profético é o alerta do Santo Padre quando se constata a fragilidade de uma sociedade cega pelo hedonismo: “Tudo isto fica agravado por uma atmosfera cultural que não vê qualquer significado nem valor no sofrimento, antes considera-o como o mal por excelência, que se há de eliminar a todo o custo; isto verifica-se especialmente quando não se possui uma visão religiosa que ajude a decifrar positivamente o mistério da dor.”

jada, não encontrando apoio moral nos seus semelhantes e, por fim, perdendo sua fé em Deus, acaba por considerar a única solução para o seu problema a eutanásia, ou o suicídio como fruto de uma grande frustração interior.

Nunca na história houve um tão grande nível de evolução científica e tecnológica e, contudo, ainda não se conseguiu eliminar o sofrimento. Pode-se dizer que tal empresa é uma utopia destinada à falência. Por conseguinte, a obra educativa importante para o bem da sociedade deve levar em conta o sofrimento e a limitação humana na morte, buscando dessa forma ajudar o ser humano a encontrar nessa experiência comum a todos um senso e crescimento interior²³. A constatação óbvia é que ninguém está isento do sofrimento e é por isso mesmo que o Papa com muita razão menciona a realidade sobre o mundo do sofrimento, afirmando que somente na graça de Cristo é que o homem encontra estímulo para uma profunda reflexão e descoberta de um senso. Tal sofrimento leva a uma identificação com Cristo sofredor.

Parece um paradoxo, mas, ao que tudo indica, a grande dignidade do homem, no mundo, está no sofrimento assumido a partir de uma realidade cristológica. O paradoxo é que no sofrimento se inicia um processo de humanização da sociedade, em que o ser humano é reconhecido na sua dignidade através da contribuição insubstituível que oferece aos sofredores enfermos, pobres e incapacitados, pela energia de amor, acolhimento, delicadeza, ajuda, solidariedade que brotam por meio deles. Isso significa humanidade ao contrário do que imaginam os propagadores do eficientismo. Na dor emergem valores inestimáveis que brotam do amor, como dom de sincero de si mesmo. Hoje, existe um processo de desumanização com o prevalecer da técnica, do cientificismo, do imediatismo sobre o ser humano de modo que o valor insubstituível do ser humano é suplantado pela idolatria da eficiência e produção. No sofrimento, o real valor das coisas se manifesta em contraposição aos falsos valores havendo a necessidade de retirar o véu do engano para que se veja claramente o que é essencial na vida.

²³ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, 25.3.1995, n. 97: “A obra educativa não pode deixar de tomar em consideração, ainda, o sofrimento e a morte. Na realidade, ambos fazem parte da experiência humana, e é vão, para além de ilusório, procurá-los reprimir ou ignorar. Ao contrário, cada um deve ser ajudado a compreender, na concreta e dura realidade, o seu mistério profundo. Também a dor e o sofrimento têm um sentido e um valor, quando são vividos em estreita ligação com o amor recebido e dado”.

1.3 Em busca de uma resposta ao problema do sofrimento

1.3.1 *Algumas considerações sobre o tema*

Interrogar-se sobre um senso para o sofrimento é hoje muito frequente, e o modo de enfrentar este desafio requer uma forma adequada de precisar o questionamento, ou seja, o que se entende à expressão senso para sofrimento ou o que se quer transmitir quando se fala em um senso para a vida? O que sugere o termo senso²⁴ muito presente na linguagem coloquial? O termo sentido, por exemplo, pode ser explicado da seguinte forma: faculdade de sentir ou perceber, de compreender, de apreciar; senso, faculdade de julgar; bom senso, aquilo que se pretende alcançar quando se realiza uma ação; alvo, fim, propósito, ponto de vista, modo de considerar; aspecto, face, encadeamento coerente de coisas ou fatos; razão de ser; lógica, cabimento, a consciência das coisas; a própria razão, o discernimento. A palavra senso tem sua raiz etimológica no lat. *sensus,us* sentido, órgão sensorio, sentimento, juízo, razão, inteligência, significação que é uma faculdade de julgar, de sentir, de apreciar; juízo, entendimento, percepção, sentido²⁵. Este apreciar, analisar é que possibilita ao ser humano encontrar uma razão, uma visão que pode ser negativa ou positiva em relação àquilo que se está vivenciando. No senso, o homem penetra no valor do mundo naquilo que pode ser favorável ou desfavorável. O senso se torna, portanto, uma ponte entre o homem e o mundo e orienta a experiência e possíveis reações. Não se tem aqui a pretensão de exaustivamente analisar toda a extensão do problema que se propõe ao analisar o sentido de senso, todavia, a questão é apresentada por estar intimamente ligada ao tema que se deseja aprofundar²⁶.

Tem-se presente o fato de que a modernidade, de uma certa forma, produziu um modo de interpretar o mundo e a vida, chegando a negar uma pos-

²⁴ ANGELINI, G. *Homo Patiens* – prospettive sulla sofferenza umana. Roma: Armando Editore, 2003 p. 245: “Alla radice dell’elusione di questi interrogativi sta la mancata formalizzazione della categoria del senso. Essa, como si sa, non appartiene ai concetti familiari della tradizione del pensiero filosofico. S’impone invece nel pensiero del Novecento; appartiene al lessico ocorrente del pensiero fenomenologico, come pure di quello ermeneutico; e tuttavia manca ancora una sua precisa formalizzazione teorica.”

²⁵ Cf. DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA EM CD-ROM.

²⁶ FRANKL, V. E. *Homo Patiens* - soffrire con dignità. Brescia: Queriniana, 2001, p. 75: “L’uomo é l’único essere che si interroga sul senso.”

sibilidade de um senso. O niilismo²⁷ é um exemplo desta realidade ao considerar impossível não só a fé em um Ser supremo e em qualquer tipo de senso, orientando-se para a relatividade do valor. Contudo somente partindo de um valor absoluto que se pode exprimir um juízo de valor²⁸. A própria ideia de relatividade pressupõe o absoluto onde só se pode compreender o relativo porque testemunha a existência do incondicionado que o condiciona. Assim compreendendo o senso de valor se pode verificar a existência de um valor absoluto, de Deus, na qual a coisa recebe valor. A idolatria consiste em esquecer a existência desse Valor absoluto que precede todo valor, substituindo o lugar próprio de Deus. As coisas são relativas, é verdade na sua referência de valor que está em Deus, sem cair no pensamento relativista, é claro. Por conseguinte “as coisas possuem senso e valor na medida em que a sacrificam por amor de alguém. Esta é a verdadeira relatividade dos valores”.²⁹ Quando o homem se desespera diante do sofrimento, ele revela que se deixou envolver por uma forma de idolatria, por ter absolutizado algo que possui um valor condicionado, relativo. Ao contrário, quando é capaz de sacrificar, de afrontar tal experiência, demonstra com isso que reconhece algo superior, de um valor muito mais rico em confronto com aquilo pelo qual se sofre³⁰.

A própria consciência do sofrer é que suscita uma busca de senso não somente do sofrimento enquanto tal, mas da vida como um todo, no caso, por

²⁷ ZOFFOLI, E. *Dizionario del Cristianesimo*, Sinopsis Iniziative Culturali, Roma 1992, p. 341: Segundo o autor niilismo é “dottrina tendente a negare la realtà, in tutto o in parte; per cui suole distinguersi un nichilismo Metafisico, che nega ogni realtà sostanziale, ridotta a puro fenomeno (= enomenismo); nichilismo Gnoseologico, che nega il valore del pensiero, ossia la verità (= scetticismo); n. morale, che nega ogni norma etica e sociale di valore assoluto (= anarchia)”; Cf. W. RAUCH (a cura di), *Dizionario del Cattolicesimo nel mondo moderno*, Paoline, Roma 1964, p. 476: “Un nichilismo completo, che nega cioè assolutamente ogni significato all'esistenza, difficilmente può essere sostenuto da qualcuno; costui infatti, non avrebbe allora più forza per vivere. Una posizione nichilista può rigettare tutte le attuali convinzioni, valori e ordinamenti, e quindi, quale nichilismo politico-sociale, rifiutare anche ogni autorità politica e sociale, per poter far posto, una volta eliminatele, a qualcosa di nuovo (nichilismo relativo), oppure rigettare semplicemente tutti i legami di qualsiasi genere (nichilismo assoluto, posizione estrema del solipsista). Il nichilismo però può anche limitarsi solo al campo culturale e ritenere tutto per incerto e dubbio. La parola, infine, può significare uno stato d'animo, nel quale manchi la fede in ogni significato della vita e si rigetta anche qualsiasi interrogativo al riguardo come inutile.”

²⁸ FRANKL, V. E. *op. cit.*, p. 104-105: Como texto de referência.

²⁹ *Ibidem*, p. 106.

³⁰ *Ibidem*, p. 107: “Non accettando la perdita di qualcosa o non affrontando la sconfitta, egli si dispera perché non vuol confessare di aver perso ciò che, in fondo, non faceva altro che ‘tenere il posto’ a qualcosa di superiore o al valore supremo, ad una persona sommamente ricca di valore, al Signore.”

exemplo, de uma doença provisória ou uma que leva à morte obscura num primeiro momento. Os valores normalmente reconhecidos da vida, questionados pela dúvida e insegurança no sofrimento quando surgem de uma forma imprevista causam uma crise interior que pode se transformar em grande maturidade moral e espiritual. O momento da prova que é justamente o sofrimento provocado pela doença e incompreensões que põe em xeque um certo modo de interagir com o mundo e com si mesmo. Junto com a prova vêm as tentações em que o desejo de viver parece algo ilusório e doloroso. O desafio é abrir-se à nova experiência não solicitada, mas, que revela o homem como é, inclusive para si mesmo (Cf. Dt 8,2). A realidade de prova solicita a esperança que torna possível a vida, diante do sofrimento vivido podendo ser físico: como a fome, a doença ou moral como a incompreensão, a perseguição etc. Nesta experiência a prova consiste em acreditar em um senso para a vida ou rejeitá-la e, é neste confronto que o homem revela o que tem no profundo do coração mostrando o nexos entre sofrimento e forma moral de vida.

À primeira vista a dor e o sofrimento³¹ parecem termos sinônimos. Contudo, pode-se dizer que a dor se refere ao aspecto somático, fisiológico e se pode definir como uma sensação desagradável produzida por um estímulo de caráter prejudicial, em geral, controlado pela medicina, como é o caso de uma dor de cabeça. O sofrimento é mais psicológico, em relação com a pessoa e em conexão com outros fatores: personalidade, modo de interagir com a vida, força espiritual etc. Por isso é que o Papa João Paulo II afirma que o sofrimento é algo mais profundamente radicado na humanidade. Até um certo ponto pode-se usar como sinônimos dor e sofrimento, contudo o sofrimento moral é mais profundo, chamado pelo Papa como «dor da alma», uma dor de natureza espiritual³². Isto explica que uma pessoa pode esquecer um pouco a dor fazendo algo agradável. A dor continua, mas, de uma certa forma a pessoa não sofre. Este sofrer é muito próprio do homem, isto é, um animal sente dor, porém, não

³¹ SABUY, P. Il significato antropologico della sofferenza umana: riflessioni su un'apparente tautologia. In: ESCALANDA, R.; RUSSO, F. (a cura di). *Homo Patiens* – Prospettiva sulla sofferenza umana. Roma: Armando editore, 2003, p. 163: “Innanzitutto occorre precisare cosa intendiamo per sofferenza. Riteniamo sia legittimo distinguere il dolore come il fatto biologico di un malessere, dalla sofferenza come la risonanza dello stesso fatto nella coscienza riflessa. Il dolore è l'origine di un'emozione caratterizzata; la sofferenza sarebbe la coscienza riflessa, tipicamente provante, di questa stessa emozione. È importante però notare subito che tale distinzione è alquanto convenzionale, perché l'uno e l'altra rimandano alla stessa realtà della persona che è messa a prova nella sua vita.”

³² Cf. SD, n. 5.

tem a capacidade de sofrer, não tem consciência do sofrimento³³. É importante também evitar o perigo de não levar em conta o aspecto unívoco que existe entre o sofrimento e a pessoa que sofre, de tal forma que não se deveria falar em doença ou sofrimento em si mesmo, mas na pessoa doente ou que sofre, pela globalidade desta experiência que atinge o homem física e espiritualmente³⁴.

1.3.2 *Várias interpretações*

Ao longo da história surgiram muitas hipóteses para responder ao questionamento supramencionado. A primeira tentativa de resposta ao senso para o sofrimento se encontra no tema da retribuição³⁵ já mencionado na parte deste capítulo que trata da figura de Jó, dominante na primitiva teologia dos escritores Javistas e, provavelmente, entre os escritores da linha sacerdotal (he-loísta). Não há dúvidas de que a simples noção de recompensa e de castigo foi a estrutura fundamental da tradição deuteronomista. O sofrimento suportado pelo povo era atribuído às suas infidelidades e somente a misericórdia e compaixão de Deus poderiam sanar estas provações. O tema é facilmente encontrado no livro dos Reis, onde as catástrofes sofridas entre 721 a 587 a.C. foram consideradas consequência do pecado de Israel e Judá³⁶. À primeira vista, sem, é claro, esgotar uma explicação sobre o sofrimento como consequência do mal cometido, verifica-se uma coerência, ou seja, existe uma lei moral de justiça, na qual a garantia se encontra em uma inteligência potente e moral, não um ser impessoal, mas um ser benévolo que se importa com o destino da família humana (Cf. Pr 22,8). Quando surgiram dúvidas em relação ao modo de agir

³³ Cf. SD, n. 9: “[...] mas só o homem, ao sofrer, sabe que sofre e pergunta o porquê?”.

³⁴ Cf. CASCONI, M. *op. cit.*, p. 244.

³⁵ CHIODI, M. *Lenigma della sofferenza e la testimonianza della cura*. Milano: Glossa, 2003, p. 256 “[...] Alla sofferenza corrisponde un peccato, personale o no, sia esso conosciuto o no. Il pregio della teoria è che essa prende sul serio la sofferenza, considerata nella sua differenza rispetto al male, giungendo però poi paradossalmente a non differenziarla più dal male morale. Nella teoria della retribuzione ogni sofferenza diventa peccato. L'ordine delle cose diventa ipso facto un ordine morale: la sofferenza fisica è elevata a male morale. La teoria della retribuzione ristabilisce il giusto ordine delle cose a partire da un supposto ordine morale. Ma é próprio questa argomentazione che spingerà la saggezza a contestare se stessa: la teoria della retribuzione fece nascere tra i saggi una disputa interna. La contestazione più radicale fu questa: proprio mentre si dava consistenza nel vivere sociale a un certo ordine giuridico – il cui obiettivo è la giustizia -, appariva tutta l'ingiustizia legata alla sofferenza nel quadro della retribuzione... la sofferenza sembra arbitraria... colpisce indiscriminatamente... esempio classico è il dolore degli innocenti, la morte dei bambini [...]”.

³⁶ MCDERMOTT, J. M. *La sofferenza umana nella Bibbia*. Roma: Dehoniane, 1990, p. 39.

divino, os profetas levantaram a voz para defendê-lo, afirmando a justiça de Deus ao recompensar e punir o indivíduo (Jr 31,23-34; Ez 18).

Com o desenvolvimento da sociedade, alguns conseguem acumular grandes patrimônios (inclusive de modo inescrupuloso). Esta aparente realização e felicidade material dos injustos, força o povo de Israel a projetar a retribuição para uma vida futura, por considerar inconcebível duvidar da justiça divina. A tradição sapiencial e em boa parte os salmos testemunham a firmeza da fé hebraica. Começa, portanto, um processo reflexivo onde se verificam os limites da retribuição como única resposta diante do tema do sofrimento.

A resposta do Novo Testamento supera o tema da retribuição para explicar o sofrimento que passa a ter uma nova leitura, isto é, a simples explicação com base na regra de justiça, ou seja, recompensar os bons e castigar os maus é claramente colocada em discussão na cruz de Cristo: inocente que sofreu e morreu. O próprio Jesus se mostra reservado frente à doutrina da retribuição proporcionada aos pecados, aplicada ao problema do sofrimento (Cf. Lc 16,19-31), mas não a rejeita de modo absoluto (Cf. Lc 13,1-5; Jo 5,14). Os cristãos, portanto, passam a refletir sobre a justiça de Deus que vai além desta realidade terrena. As passagens bíblicas em que se coloca a pergunta sobre o sofrimento a Jesus mostra-o refutando uma direta relação entre pecado e sofrimento (Mt 5, 45; Jo 9,1-3), porém não deixa de afirmar que o castigo físico pode ter uma conexão com o pecado (Jo 5,14). Sobre o massacre perpetrado por Pilatos e a queda de uma torre, Jesus não aceita a simples resposta por causa dos seus pecados, no sentido de serem mais pecadores que os outros, mas, ao mesmo tempo, alerta a todos sobre a importância da conversão (Lc 13,1-5). Vê-se que o prêmio parece ser colocado no futuro (Gl 6,7-10; 1Pd 4,3-5), especialmente quando fala do juízo final em que a dimensão escatológica é enfatizada no Novo Testamento como momento do triunfo da justiça divina, conforme aparece claramente no livro do Apocalipse, S. Pedro e S. João³⁷.

Obviamente ainda permanece um desafio dar uma resposta em relação

³⁷ MCDERMOTT, J. M. *op. cit.*, p. 93: “L’Apocalisse non fa altro che dipingere a forte tinte quello che era già implicitamente contenuto nel vangelo e negli scritti neotestamentari... Pietro esorta i cristiani a rimanere saldi nella fede contro il diavolo, leone uggente, in modo che trascorso un breve periodo di sofferenza, richiesta dall’appartenenza alla stirpe umana, possano essere ristabiliti, confermati e rafforzati da “Dio di ogni grazia, il quale vi ha chiamati alla sua gloria eterna in Cristo”. Giovanni adopera una serie di immagini cosmiche in cui vengono contrapposte la luce e le tenebre (1,4-13; 3,19-21; 8,12; 12,35s.46).”

ao silêncio de Deus (Cf. Sl 28,1-2) diante do crescimento das iniquidades e relativa facilidade de agir por parte dos ímpios como aconteceu, ao longo da história, com os regimes totalitários do século XX sendo, por exemplo, o mais cruel o nazismo e seus campos de extermínio, sem falar no sofrimento dos inocentes a causa das ações dos maus ou mesmo dos cataclismos da natureza. Depois de Auschwitz torna-se um grande desafio acreditar em um Deus bom que, ao que parece, nada fez para impedir tal atrocidade³⁸. A ideia de um Deus forte que sacrifica questões particulares da história no altar de um plano ou desígnio universal parece difícil de ser aceita. Pensar em Deus e Auschwitz é uma tarefa que a teologia em seus campos de especialização: dogmática, espiritual, pastoral e moral é chamada a afrontar³⁹.

O questionamento está na não intervenção divina, como pensam alguns. Contudo em meio ao horror e à desumanidade, o homem foi capaz de extraordinária solidariedade de forma que, em contraposição ao mal provocado pelo agir humano, soube produzir uma outra forma de agir bem profundo e transformador nos gestos de solidariedade e compaixão por parte daqueles que se sacrificaram e compartilharam a sorte do povo de Israel. A fácil posição em culpar Deus não leva em conta as terríveis consequências da irresponsabilidade humana: destruição, dor e sofrimento no mundo, ou seja, a humanidade possui um grande débito.

Tem-se presente que o salmo 73 atesta esta admiração do crente diante da prosperidade dos pecadores, contudo, se não se consegue compreender o silêncio de Deus, não se pode esquecer que Ele toma parte da história humana de um modo total inclusive assumindo a dor do mundo. Obviamente utiliza-se aqui uma linguagem aproximativa, limitada para tentar tocar um pouco a dimensão divina, isto é, o modo de expressar essa dor não é como a do ser

³⁸ BENTO XVI, *Homilia por ocasião do início de pontificado* (24.4.2005), L'Osservatore Romano, 25.4.2005: O novo Papa apresenta uma reflexão clarificadora sobre a ação de Deus no mundo que não age conforme a lógica humana de poder pois somente o amor constrói: "Non è il potere che redime, ma l'amore! Questo è il segno di Dio: Egli stesso è amore. Quante volte noi desidereremmo che Dio si mostrasse più forte, che Egli colpisse duramente, sconfiggesse il male e creasse un mondo migliore. Tutte le ideologie del potere si giustificano così, giustificano la distruzione di ciò che si opporrebbe al progresso e alla liberazione dell'umanità. Noi soffriamo per la pazienza di Dio. E nondimeno abbiamo tutti bisogno della sua pazienza. Il Dio, che è divenuto agnello, ci dice che il mondo viene salvato dal Crocifisso e non dà i crocifissori. Il mondo è redento dalla pazienza di Dio e distrutto dall'impazienza degli uomini."

³⁹ Cf. PASSERI, S. Il concetto di Dio e la responsabilità di fronte al male. In: CANOBBIO, G.; DALLA VECCHIA, F.; TONONI, R. (a cura di). *Quaderni Teologici* n. 14. Brescia: Morcelliana, 2004, p. 231-276.

humano⁴⁰. Oséias, por exemplo, fala de um Deus que assume um papel de amante traído, porém obstinado, no sentido, de não abandonar o seu povo infiel. Também o profeta Ezequiel menciona a desilusão de Deus pela traição do povo (Ez 16). Em outras passagens bíblicas se vê o quanto Deus se preocupa e ouve o lamento do seu povo como no caso da libertação no Egito após ouvir o clamor de Israel⁴¹.

A tentativa de resposta percorre o caminho de um senso em compreender o sofrimento como uma medicina. O castigo passa a ser considerado como a mão amorosa de Deus que punia os pecadores para ajudá-los a voltar, a retornar o caminho reto. O tema da conversão provocada pela dor é sugestivo neste aspecto⁴² no sentido que, através desta experiência, o cristão toma consciência de sua própria fragilidade e nulidade, afastando-o do perigo de confiar orgulhosamente nas suas forças, ou seja, mostra a incapacidade humana de salvar-se como também de dominar o mundo, por persistir sempre no homem a tentação de usurpar o lugar de Deus. (Cf. Gl 6,14). Os profetas, da mesma forma, entendem o sofrimento com um momento de retorno para o Senhor e, por conseguinte à salvação (Cf. Os 11,8; 14,5; Is 30,19ss; 51,22s; 54,7; Jr 3,21s, Ez 33,10s; Ml 3,6s). Em cada sofrimento do povo é encarada como um castigo salutar e momento de esperança de perdão. Esse caráter de conversão encontra-se em várias partes da Sagrada Escritura (Cf. Gn 22), nos homens e mulheres que souberam superar estes momentos. A título de confirmação, citamos Jó 1,2; 2,5, os salmos que falam do sofrimento e dor (Cf. Sl 13; 22; 39), como também Moisés, Jeremias e Ezequiel (Cf. 2Rs 18,19-25.30-35).

O momento de sofrimento leva, não raras vezes, a um voltar-se para Deus, como também, a uma reavaliação daqueles que se consideram crentes,

⁴⁰ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 18.5.1986, n. 39: “A concepção de Deus, como ser necessariamente perfeitíssimo, exclui, por certo, em Deus, qualquer espécie de sofrimento, derivante de carências ou feridas; mas nas ‘profundezas de Deus’ há um amor de Pai que, diante do pecado do homem, reage, segundo a linguagem bíblica, até ao ponto de dizer: “Estou arrependido de ter criado o homem”. “O Senhor viu que a maldade dos homens era grande sobre a terra ... E o Senhor arrependeu-se de ter criado o homem sobre a terra [...]. O Senhor disse: *Estou arrependido de os ter feito*”. Mas o Livro Sagrado, mais frequentemente, falamos de um Pai que experimenta compaixão pelo homem, como que compartilhando a sua dor”.

⁴¹ MORICONI, B. *La sofferenza tra silenzio e coinvolgimento di Dio*, “Il dolore tra resistenza e resa”, (a cura di G. CINÀ). Torino: Camilliane, 2004, p. 62.

⁴² SD, n. 12: “O sofrimento deve servir à conversão, isto é, à reconstrução do bem no sujeito, que pode reconhecer a misericórdia divina neste chamamento à penitência. A penitência tem como finalidade superar o mal que, sob diversas formas, se encontra latente no homem, e consolidar o bem, tanto no mesmo homem, como nas relações com os outros e, sobretudo, com Deus”.

porém, não agem conforme a fé que professam. Esse modo de entender o aspecto medicinal do sofrimento pode ser verificado em várias outras passagens bíblicas conforme, por exemplo, Ap 2, 21-23 onde o Anjo da Igreja de Tiatira envia tribulações⁴³ para suscitar a conversão. Também S. Paulo segue a mesma linha (1Cor 11,23-33), ou seja, o caminho da conversão que passa a ser momento originário, o ponto de partida, o ato dotado de um poder, de uma força capaz de colocar movimento um processo sem barreiras preestabelecidas. O momento da conversão em que se fundamenta a unidade de vida, porém, não basta; não é suficiente a decisão, tomada um certo momento, de referir a inteira existência a Deus em resposta à graça da chamada que precede tal decisão; não é suficiente submeter-se reverente e alegremente à sua vontade, é preciso perseverar neste propósito⁴⁴.

Por mais significativa que seja essa dimensão na busca de um senso, ainda assim o aspecto medicinal do sofrimento não responde a todas as questões. O livro de Eclesiastes (Qohelet) atesta que nem sempre a recompensa é proporcionada ao mérito (Ecl 5,7; 7,15; 9,1-3.11-16; 10,5-7). Algumas vezes os bons passam por sofrimentos inesperados.

Emerge o tema da prova que não deixa de possuir uma certa relação com o aspecto medicinal, para tentar explicar o sofrimento. No livro do Gênesis menciona a prova do justo Abraão (Gn 22,1). A dramaticidade da cena toca profundamente: um pai vê, humanamente falando, desaparecer sua esperança de uma grande descendência e, contudo, sua fé permanece firme no Senhor. Ele conserva sua fé em Deus mesmo sabendo que aquele sacrifício anularia a promessa de um grande povo. Algumas interpretações sobre a exigência divina acenam para uma negação bíblica ao costume pagão de sacrificar seres humanos⁴⁵ (Cf. Lv 18,21; 20,2; Dt 12,31).

⁴³ MCDERMOTT, J. M. *op. cit.* p. 127: “Queste punizioni sono mezzi con cui Dio, Padre premuroso, richiama i suoi figli affinché, come il figlio prodigo, possano “rientrare in se stessi” e “ritornare dal Padre” (Cf. Lc 15,11-24)”

⁴⁴ ESCRIVÀ, S. JOSÉ MARIA. *Es Cristo que pasa*. Madrid: Rialp, 1973, n. 58: “La conversión es cosa de un instante; la santificación es tarea para toda la vida. La semilla divina de la caridad, que Dios ha puesto en nuestras almas, aspira a crecer, a manifestarse em obras, a dar frutos que respondan em cada momento a lo que es agradable al Señor. Es indispensable por eso estar dispuestos a recomenzar, a reencontrar – en las nuevas situaciones de nuestra vida – la luz, el impulso de la primera conversión”.

⁴⁵ Pode-se perceber neste texto uma certa dificuldade de Abraão em compreender a vontade de Deus e a sua sabedoria. De qualquer forma permanece o testemunho de Abraão como exemplo de fidelidade e confiança na palavra de Deus. MCDERMOTT, J. M. *op. cit.*, p. 36: sobre a presença

Com Abraão, Deus coloca em prova⁴⁶ o povo de Israel, como se pode apreender, mais adiante, pela evolução histórica dos israelitas com a peregrinação no deserto e a difícil luta pela conquista da terra prometida (Dt 13,1-5). Não só o Antigo Testamento (Cf. Eclo 3), mas o Novo Testamento também privilegia o tema da correção divina através do sofrimento. O caráter de prova passa a ser um desafio para o homem no confronto com o seu Deus, no sentido de que a vontade divina se compreende no seu desejo de evitar o homem cair no pecado (Cf. Es 20,20). Com a literatura sapiencial a prova assume um caráter claramente positivo (Pr 3,11s; Ecl 7,2-5; Sir 34,10). Com isso o sofrimento passa a ser encarado como um método educativo, particularmente ao levar o homem que sofre a um reconhecimento existencial de Deus e a necessidade de buscar ajuda (Cf. Sl 78,34; Ez 6,7; 13,14; Jó 33, 19-28; 36,15ss). Por trás do sofrimento existe o amor misericordioso de Deus que concede ao pecador tempo para converter-se, e não permite que as tribulações ou tentações sejam superiores às suas forças, concedendo-lhe graças suficientes para superá-las (Rm 5,3-5; 1Cor 10,13; 2Cor 12,9; Fl 4,12; 2Tm 4,16). A conversão é tão potente e decisiva quanto mais profundamente crescem suas raízes no coração humano. Manifesta como descoberta e aceitação plena do desígnio divino sobre a própria pessoa, decisão sem reservas à vontade de Deus. Identificar a própria vontade com aquela de Deus, e colocar a inteira existência ao seu serviço, é que assinala com precisão o início de algo novo na vida de uma pessoa. A Sagrada Escritura não deixa de reconhecer a bem-aventurança naqueles que perseve-

de textos complexos atribuindo à Deus decisões nada benévolas assim se expressa: “...si vogliamo interpretare questi testi richiamandosi al volere permissivo di Dio, ai generi letterari, alla dialettica delle dichiarazioni o al desiderio di voler spiegare che tutto ciò che esiste è soggetto a Dio, indubbiamente essi sembrano essere in contraddizione con la norma che regola i rapporti di Dio con gli uomini. Poiché la rivelazione perfetta di Dio si compie in Gesù Cristo e tutto ciò che avveniva in vista di lui nell'Antico Testamento va posto in un'ottica di provvisorietà e di imperfezione, il cristiano non deve leggere la parola di Dio rimanendo troppo legato alla lettera.”

⁴⁶ O significado do verbo “provar” vem relacionado com a atitude existencial de voltar-se ao Senhor independentemente de ter cometido um pecado. Como o ouro é provado no fogo, assim o homem deve passar pela humilhação para consolidar sua fidelidade a Deus (Sir 2,1-6; Pro 17,3). Deus livra e recompensa quem é provado (Sir 33,1; Sb 3,5s); MCDERMOTT, J. M. *op. cit.*, p. 128 assim compreende o termo provar: “O termo peirazein houve uma mudança de significado entre os dois Testamentos. A versão dos LXX usa esta palavra na primitiva acepção de “fazer a prova de” e também “ter experiência de”. O Novo Testamento tende o vocábulo principalmente como “tentar” (pecado), por isso se compreende a indignação de Tiago por causa dos Cristãos que usavam a desculpa de serem provados por Deus confundindo com tentação que, na verdade, é fruto dos maus desejos (Cf. Tg 1,13-15). O tentador era o nome que designava frequentemente o demônio (Mt 3,1; 1Ts 3,5)”.

rarem (Tg 1,12; Mc 13,10; 2Tm 4,6-8). É preciso, porém, ter um certo cuidado para não entender Deus como um censor que em sua escrivania, friamente submete os seres humanos à prova quase que os induzindo a pecar. Tal modo de pensar seria um contra-senso.

Relacionando ao conceito de prova é possível partir para o tema purificação, cujo significado educativo remete ao termo etimológico de “trazer para fora” uma certa situação de ignorância, preconceitos ou qualquer outro elemento negativo. A criança deve, por exemplo, ser liberada dos seus caprichos e paixões infantis. O egocentrismo deve ser superado e, por conseguinte, a educação que se produz mediante o “sofrimento” traduzido em disciplina, perseverança e empenho, purificará necessariamente os hábitos maus. A imagem do metal que passa pelo fogo é muito sugestiva. O metal se torna puro, com uma qualidade muito maior, ao passar pela fornalha, De forma semelhante o homem é purificado (Cf. Is 48,10; Ml 3,2s). Miquéias fala da filha de Sião, simbolizando Jerusalém, como uma mulher que sofre as dores de parto. Não é preciso muita reflexão para depreender desta imagem a figura de um sofrimento passageiro transformado em grande alegria quando a mãe vê seu filho bem e saudável (Cf. Ml 4,8-5,15). Sobre este tema há uma grande riqueza de textos bíblicos. Com certeza a noção de prova e purificação no sofrimento lança uma luz na compreensão do sofrimento, contudo permanece ainda a questão de uma prova que vai além da capacidade humana, principalmente quando atinge o inocente.

1.3.3 Contribuição de alguns pensadores modernos

A Escritura, por si só, lança muitas luzes para compreender o senso moral do sofrimento como também algumas reflexões que surgiram para tentar aprofundar ou, até mesmo, responder aos novos questionamentos como, por exemplo, Scheler⁴⁷ que possui um estudo sobre o Sentido do Sofrimento, escrito entre 1912

⁴⁷ BORGONOVO, G. *Karol Wojtyła: una passione continua per l'uomo*, Rubbettino editore, Soveria Mannelli 2003, p. 28. Menciona a reflexão de Scheler sem deixar de reconhecer os limites da filosofia fenomenológica: “La concezione scheleriana della fenomenologia è in radice viziata dal presupposto emozionalistico, per cui il valore non è mai fine di un'azione consapevole, termine di un progetto realizzante, ma sentimento, una sorta di colpo provocato dall'impatto con la realtà che risuona emozionalmente nell'interiorità coscienziale della persona... Nell'intera impostazione filosofica di Scheler manca la nozione del movimento, del mutamento, dell'attualizzazione”; Ainda cita Borgonovo o Papa João Paulo II na nota 17: “il carattere dinamico dei presupposti della filosofia scheleriana, strettamente connesso all'essenzialismo dell'in-

e 1916, na fase teísta do seu pensamento⁴⁸. Seu desenvolvimento reflexivo se baseia na fenomenologia da dor e do sofrimento. Nota Scheler que a dor não é um simples estado. É portador de um significado e por isso, se relaciona ao aspecto da liberdade⁴⁹. O significado de sacrifício no contexto do sofrimento encontra um sentido de ser na renúncia a bens inferiores e até mesmo a aceitação de algo que, no momento, causa um mal por um valor ou bem superior, como é o caso de um sacrifício voluntário. Esta dor, como também, o prazer está ligado à vida pessoal, como forma suprema de sacrifício, onde amar e perder formam um todo. O amor sem sofrimento parece algo vazio, ou seja, não é possível amar sem sofrer, pois o crescimento passa pela dor, pelo padecimento. A dor parece ser um canal privilegiado de crescimento, como é o caso da dor de parto, uma dor que é sinal de vida.⁵⁰

A reflexão de Scheler entra no tema sobre um senso ético ou moral do sofrimento porque, põe em relevo uma ética que exige ser explicitada e coloca em questão aspectos religiosos e metafísicos, passando a analisar algumas religiões, como o budismo, estoicismo etc.⁵¹. O que interessa e, pode ser de ajuda à reflexão é que existe uma “dialética da aceitação e transformação do sofrimento que atribui a esta uma capacidade de purificação, e, em segundo lugar, o nexó entre amor e sofrimento, que leva a interpretar a segunda, na ótica da primeira e não vice-versa”⁵².

No cristianismo a dor é reconhecida no seu aspecto negativo, porém, é ao mesmo tempo elevada como uma força radicalmente nova, capaz de se tornar um amigo e ajuda para a alma. Esta realidade passa de um sinal de punição para purificação, fruto do amor misericordioso de Deus, suscitando no ser humano um crescimento moral e religioso que o aproxima de Deus e do próximo, elevando-o espiritualmente.

tera fenomenologia non crea un fondo adeguato all'interpretazione dell'esperienza etica che, per sua natura, è pur qualcosa di dinamico, contiene in tutta la sua struttura un moto psicologico, un passaggio dalla potenza all'atto.”

Ibidem, p. 40: A crítica à impositação fenomenológica de Scheler não exclui um reconhecimento dos aspectos positivos por isso a conclusão é que “Benché il sistema ético creato da Scheler non si adatti fundamentalmente ad interpretare l'etica cristiana, però ci può essere collateralmente d'aiuto in un lavoro scientifico sull'etica cristiana. Ci facilita cioè l'analisi dei fatti etici sul piano fenomenologico e sperimentale.”

⁴⁸ Cf. CHIODI, M. *op. cit.* p. 221-250: aborda o tema sofrimento com base no escrito de Scheler.
⁴⁹ Ibidem, p. 222-223: “se da una parte è vero che la dimensione puramente sensoriale e statica del dolore e della sofferenza è un fatto e un ineludibile destino di ogni vivente, non è meno vero che oltre questa fattualità cieca c'è una sfera del senso e una sfera della libertà.”

⁵⁰ Ibidem, p. 226.

⁵¹ Ibidem, p. 228-229: Para uma análise mais aprofundada.

⁵² CHIODI, M. *op. cit.*, Ibidem, p. 244.

O sofrimento pode ser entendido como um convite a participar da mesma experiência de Cristo a amar como Cristo e em Cristo, ou seja, um alicerçar o sofrimento no amor, pois só o amor pede ao que crê o desafio de sacrificar bens e felicidades aparentes por algo maior. A virtude cristã que, à primeira vista parece ser passividade no ato de resignar-se, paciência e humildade, na verdade é fruto da virtude ativa, positiva e transformadora do amor operoso⁵³. Deduz-se que o sofrimento adquire uma compreensão cristã que vai além do hedonismo que busca eliminá-la ou o estoicismo que tende a suportá-la, pois é entregue à misericórdia de Deus, passando a ser momento de graça beatífica e até mesmo de alegria interior. Ao mesmo tempo se busca alertar para o risco do chamado dolorismo, ou seja, uma identificação entre sofrimento e cruz, isto é, uma resignação passiva que não leva a lutar contra o mal no mundo⁵⁴. Este tipo de atitude não é adequadamente cristã nem mesmo consoladora por ser uma impostação inadequada sobre o tema da cruz e bem-aventurança⁵⁵.

Para contrastar a tendência ao pessimismo, provocado pelo sofrimento, o mesmo se justifica somente quando é caminho de liberdade, no contexto de

⁵³ CHIODI, M. *op. cit.*, p. 245-246: “Sullo sfondo dell’abbandono della fede della comunione con Dio essa può essere compresa e perfino cercata: ‘soltanto un uomo beato, cioè un uomo abbandonato a Dio, può accettare nel modo giusto dolore e sofferenza, può amarli e, se necessario cercarli’. Così in Paolo e negli atti dei martiri la beatitudine di essere salvato porta a vivere la sofferenza in modo nuovo e questa a sua volta può approfondire la “coscienza, ancor più beata che in passato, della radicale profondità del suo essere salvata da Dio e nascosta in lui”. Ciò che autorizza una sofferenza beata o una beatitudine sofferta non è la convinzione che un domani nell’al di là verrà data la beatitudine, ma è l’anticipazione già in questa vita dell’esperienza della comunione e dell’abbandono in Dio... in tal modo la sofferenza, come tutti i sentimenti più profondi, rivela, secondo Scheler, un sorprendente ‘carattere di grazia.’”

⁵⁴ JOÃO PAULO II, *Exortation apostolique post-synodale Une espérance nouvelle pour le Liban*, 10.5.1997 n. 34 (EV16 n. 381): “Au long de sa route, toute personne humaine rencontre la souffrance. Le disciple n’est pas plus grand que son Maître; comme Lui, il doit accepter la Croix. Le chrétien ne recherche pas la souffrance, il doit lutter contre elle, pour lui-même et pour les autres, parce qu’il sait quelle est un mal, une conséquence du péché des hommes depuis les origines. Mais quand elle est inéluctable, il la porte dans la foi, en réponse à cet appel du Seigneur: “Si quelqu’un veut venir à ma suite, qu’il se renie lui-même, qu’il se charge de sa croix, et qu’il me suive” Cf. Mt 16,24.”

⁵⁵ ANGELINI, C. *op. cit.*, p. 248: “Le guarigioni di Gesù si riferiscono appunto all’esperienza della sofferenza; più precisamente, a quelle esperienze di sofferenza che fanno apparire il male come inelutabile. I miracoli sono oggi spesso invocati dall’apologetica cattolica quasi costituissero un argomento risolutivo per smentire la lettura doloristica del cristianesimo. Essi effettivamente giustificano tale lettura; essi concorrono in maniera essenziale a qualificare il messaggio di Gesù quale messaggio gioioso, che autorizza la festa. La festa tuttavia è subito qualificata come festa della conversione... Le sue guarigioni non possono essere sbrigativamente intese come documento della liberazione della sofferenza; esse sono invece intimazione della conversione.”

um amor sacrificial sempre vivo e qualificante e também sentimento de uma secreta felicidade, que recompensa por todas as dores elevando o centro da alma acima destas dores rumo ao crescimento⁵⁶.

O filósofo P. Ricoeur fala do mal moral entendido como pecado, sofrimento e morte com uma enigmática profundidade comum, sem deixar de perceber entre eles uma disparidade de princípio. Um é o mal cometido, outro é o mal imediato⁵⁷. Nesta linha reflexiva pode-se falar de um mal cometido no senso moral, como pecado em linguagem religiosa, a culpa a que se refere a ação humana entendida como algo imputável ao agente que leva a uma consciência do sujeito responsável e por isso, suscetível de valoração moral. Por outro lado, o sofrimento se distingue do mal moral ou pecado, visto ser algo que vai além da vontade do sujeito porque ninguém deseja sofrer... e este padecer pode ser causado por uma doença física, psíquica ou espiritual como a morte de uma pessoa cara, a injustiça, a violência. No caso do ódio, julgamentos falsos também são relacionados ao mal moral, no sentido de que o sofrimento moral toca a parte do arrependimento, da culpa, do lamento. Por conseguinte sofrimento e culpa moral são distintos, porém indissociáveis. A culpa que advém de um ato cometido que pode ser sujeito a uma punição não deixa de ser em uma certa medida, um sofrimento⁵⁸. Assim analisa Chiodi:

O sentimento da culpa moral é, como o sofrimento, ligado à pena: enquanto pena, que se deve assumir, a culpa é também dor e sofrimento. Não só, como já se falou, muitas vezes o sofrimento do homem é causado pela violência: fazer o mal é também cometer um erro, em modo direto ou não e, portanto, ser para outro causa de sofrimento. O mal tem uma estrutura 'relacional' ou 'dialogal': um que comete o mal, e outro que padece.⁵⁹

O mal e o sofrimento são relacionados na própria simbologia oriunda de mitos e interpretações religiosas. Quando se comete um ato negativo, fala-se

⁵⁶ MARTINS, J. S. Tra resistenza e resa: il mistero Del dolore a vent'anni della Salvifici Doloris. In: CINÀ, G. (a cura di). *Il dolore tra resistenza e resa*. Torino: Camilliane, 2004, p. 76: "Recenti studi di fenomenologia applicati alle situazioni di sofferenza, di malattia e di altre esperienze frustranti della vita, mostrano alcuni significati che tali condizioni possono contenere: la sofferenza infatti, in tutte le sue manifestazioni, rappresenta l'altra faccia del desiderio di vita che pervade ogni essere umano quando è nella condizione luminosa dell'esistenza. Viene sperimentata come negazione di quel desiderio, come oscuramento e ostacolo del progetto di vita. È così messa in discussione tutta la concezione antecedente che si aveva dell'esistenza, è come il crollo di tutto un mondo di opere e di progetti."

⁵⁷ CHIODI, M. *op. cit.*, p. 251.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 252.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 253.

de uma força alheia, algo que escraviza e influencia o agir humano. Uma experiência em que o homem se dá conta do seu agir e que, ao mesmo tempo é vítima, ou seja, é um enigma, até mesmo para a nossa sociedade secularizada e muito avessa ao tema do sofrimento e da dor.

V. Frankl (1905-1997), psicoterapeuta e neurólogo considerava que o homem que não sofreu circunstâncias e adversidades, na realidade não se conhece realmente. Ele era um crente e nunca escondeu sua crença, mesmo sabendo que o ambiente científico internacional demonstrava um certo preconceito atinente à fé. Depois de passar pela terrível experiência dos campos de concentração nazista chegou à conclusão de que a dor pode ter um senso até o último momento. Justamente no confronto com esta trágica aventura é que ele se depara com exemplos de altruísmo e solidariedade, por parte de tantos que se sentiam motivados por sua fé religiosa. Frankl através da experiência da dor em todas as suas dimensões deixou um patrimônio inestimável com sua teoria psicológica, encontrando na própria experiência, um senso para a inimaginável crueldade humana.

Segundo Frankl para compreender a dor, é necessário considerar o homem no seu conjunto, como unidade absoluta, portanto, o âmbito psíquico, espiritual e moral são também presentes no conjunto do sofrimento humano. Frankl ilustra seu pensamento com o exemplo de uma pessoa que fratura a perna: não é só um corpo doente, mas, um ser humano que sofre no seu todo - física, espiritual e moralmente. No caso da necessidade de amputar a perna, o que adiantaria tal solução se a pessoa não encontrando força espiritual e moral para enfrentar a nova realidade e, no confronto com esse sofrimento, se suicidasse? Frankl considera de grande importância a cura em dimensão psíquica e, também, espiritual. Sendo a dimensão espiritual um aspecto que envolve a busca de valores, e isto tem fundo moral, somente neste caminho se descobre um significado. De outra forma, seria incompleta a cura do ser humano analisando somente o aspecto físico.

Diante do sofrimento inevitável como é o caso de uma doença incurável, Frankl oferece uma terapia chamada “*logoterapia*” dando ênfase à atenuação da dor e à capacidade humana de sofrer⁶⁰. Neste aspecto o médico não deve ver o paciente como alguém que se deve a todo custo remover a dor. Sem esquecer este empenho em superar a dor, também, é exortado a ajudar o seu pacien-

⁶⁰ ONAH, G. I. L'unità sostanziale e la trascendenza dell'uomo patiens. In: ESCLADA, R. ; FRANCESCO, F. (a cura di). *Homo Patiens* – Prospettive sulla sofferenza umana, (a cura di). Roma: Armando Editore 2003, p. 158-159.

te a encontrar um significado no sofrimento inevitável⁶¹. O ser humano não pode ser equiparado a uma máquina que precisa ser reparada e intui que no sofrimento existe uma oportunidade de senso, no modo em que a pessoa lida com tal realidade. Neste aspecto o homem revela sua infinita capacidade de autotranscendência, pois nessa conquista da capacidade de sofrer, demonstra uma liberdade diante da dor e, portanto, um ato de autoconfiguração, ou seja, o homem decide por si mesmo, livre e pessoalmente em colocar-se diante da adversidade, sem fugas. O ser humano demonstra seu crescimento quando alcança uma grande liberdade interior mesmo que esteja limitado exteriormente por causa do sofrimento. Nesta linha, compreende-se a presença de tantos que, apesar do seu sofrimento, são capazes de esquecer-se de si mesmos e também de se abrirem para receber afeto e consolação. Neste sentido a capacidade de sofrer se torna meio de crescimento e maturidade. Visto que é impossível a dor ser assimilada de um indivíduo para o outro, cada um deve suportar individualmente sua própria dor, no entanto, é possível participar como gesto de compaixão, da dor de uma outra pessoa através do amor. É através do amor que a pessoa sai de si mesma e se volta para o outro. Esta disponibilidade no amor, é capaz de aliviar a dor do outro, encorajando-o. Nada é mais forte do que a experiência de amar e ser amado, como um traço muito especial e particular do próprio amor de Deus.

1.3.4 O sofrimento: um desafio para a fé

Existe uma pergunta muito importante para a fé: Por que Deus permitiu que se continuasse o sofrimento nesta vida, mesmo depois de Cristo? Esta é uma questão bastante delicada. O modo humano de interagir com este mistério é que vai caracterizar a forma de aceitar, compreender ou negar a existência de Deus. Um escritor latino do terceiro ou quarto século, citando Epicuro, apresentava esta questão do seguinte modo: “Se Deus quer eliminar o mal e não pode, então é fraco; se pode e não quer, é então um inimigo do homem

⁶¹ Cf. FRANKL, V. E. *Homo Patiens. Soffrire com dignità*. Brescia: Queriniana, 2002, p. 33-34: Para Frankl o médico deve ajudar o doente a voltar à vida habitual de trabalho e capacidade de aproveitar a vida mas também ajudá-lo a conquistar a capacidade de suportar o sofrimento: “Ho già sottolineato che il compito fondamentale della terapia non consiste unicamente nel ristabilire nell'uomo la capacità di lavorare e di godere, ma nel ripristinare in lui la capacità di soffrire. Ciò risponde in pieno alla grave sofferenza cui la nostra generazione è sottoposta.”

[...]; mas se quer e pode, por que existe o mal e não é eliminado por Deus?”⁶². A busca de um senso para tal resposta é fundamental. Ainda hoje, o mal e o sofrimento são os únicos argumentos que certos pensadores utilizam para negar a existência de Deus. Muito facilmente se ouve dizer: Onde estava Deus quando permitiu os campos de extermínio, as epidemias, cataclismos naturais? Porém se esquece de questionar, onde estava o homem dotado de razão, capaz de incríveis descobertas científicas, tecnológicas e artísticas?

O sofrimento aparece como um atentado aos valores religiosos suscitando no coração humano a dúvida e desconfiança por considerar Deus um Ser Supremo distante, que no seu silêncio, beira à injustiça, não demonstrando afeto paterno e compaixão por suas criaturas, que se sentem afadigados e oprimidos diante de tanta dor⁶³. Analisando a questão a partir de um outro ângulo pode-se, também, atestar a constatação do mal, que ao invés de afastar, pode ser um fator de aproximação de Deus, mostrando aquilo que não deveria ser. Quando se toma consciência da razão profunda: a ruptura com o Criador, que é Supremo Bem. Tal reflexão pode levar o ser humano a encontrar em Deus a fonte desta libertação do mal.

A Bíblia oferece uma tentativa de resposta com base na liberdade humana e sua opção em distanciar-se de Deus com o pecado (Cf. Sb 1,13-14). Essa escolha do homem, isto é, o pecado, significa um escolher o mal, o sofrimento e a morte, porém, a objeção que se faz é esta: Deus na sua onipotência, não poderia preservar o homem do pecado e da dor? A resposta para compreender o motivo que Deus não interfere, está na liberdade. Não é possível amor sem liberdade e sendo o homem um ser histórico e limitado, sua liberdade é também frágil e, por conseguinte, possível de ser deturpada. Ao invés de eliminar a liberdade humana como possibilidade de amor autêntico, Deus preferiu sofrer junto com sua criatura a cancelar este dom⁶⁴. O tema da liberdade leva a muitas considerações por estar intimamente ligado ao problema do mal e do sofrimento. É verdade que liberdade tem uma dimensão

⁶² TONONI, R. *Perchè Dio ci lascia soffrire?*. In: CANOBBIO, G.; DALLA VECCHIA, F.; TONONI, R. (a cura di). *Quaderni Teologici*. Brescia: Morcelliana, 2004, p. 90.

⁶³ JOÃO PAULO II, *Mensagem para a II jornada mundial do enfermo*, 8.12.1993: “Às vezes acontece que sob o peso de uma dor profunda e insuportável alguém se dirija a Deus com uma queixa, acusando-o de injustiça; porém a queixa morre nos lábios de quem contempla o Crucificado que sofre ‘voluntária e inocentemente’ (SD, n. 18). Não se pode acusar um Deus solidário com os sofrimentos humanos!”

⁶⁴ JOÃO PAULO II. *Mensagem para a II jornada mundial do enfermo*, 8.12.1993, p. 93-94.

de superamento da escravidão e dos condicionamentos, porém existe um senso muito mais completo e profundo que é a “*liberdade para*”, ou seja, a possibilidade do homem de realizar-se, de dominar-se. Como é possível falar em liberdade se o homem não é capaz de guiar-se? O sofrimento se torna, portanto, uma oportunidade única de crescer nesta “*liberdade para*” quando o homem de um modo muito particular se confronta consigo mesmo. Pode-se verificar no sofrimento como um grande espelho onde o ser humano contempla sua face autêntica e seu valor⁶⁵.

Continuando a linha reflexiva sobre o tema da liberdade, é fundamental entender que a mesma não pode ser entendida como algo absoluto, mas, como uma liberdade capaz de vencer o nada, o não ser e, portanto, somente um agir moral voltado para uma liberdade que é contraposição ao não ser, ao nada, que pode ser entendida como autêntico. Uma liberdade compreendida como escolha entre contrários e, possibilidade de pecar, como se sabe, produz dor, angústias e sofrimentos⁶⁶. Somente uma ética de responsabilidade na liberdade que não prescinde da verdade é que pode ser a resposta justa contra o sofrimento e o caminho para se encontrar um senso a toda esta experiência não procurada, mas que faz parte da história humana. Aqui se insere a importância da responsabilidade moral humana diante do seu semelhante e de Deus. A liberdade divina venceu o nada, o não-ser. O homem é chamado a, na sua liberdade, superar o não-ser, o nada, o mal que ameaça destruí-lo e, portanto, existe uma medida para essa liberdade em não aceitar o não-ser, onde o agir humano será medido por uma liberdade não irresponsável e inconsequente, mas, através de uma liberdade positiva⁶⁷. Deus correu este risco ao doar a liberdade, o seja, à capacidade humana de escolher entre o bem e o mal. Ao mesmo tempo não é possível imaginar uma liberdade humana sem levar em conta a liberdade infinita e positiva de Deus. E é, neste campo que se encontra o erro humano em escolher uma via diversa daquela proposta por Deus, uma via que afasta o homem do aniquilamento, do não ser, do nada.

A luz que se pode lançar sobre a questão do sofrimento se encontra, por

⁶⁵ Cf. TETTAMANZI, D. *Dizionario di bioetica*. Casale Monferrato: Piemme, 2002, p. 377-378.

⁶⁶ Cf. PINCKAERS, S. *Le fonti della morale cristiana*. Milano: Ares, 1992, p. 385-443: O autor oferece uma reflexão muito rica sobre a distinção entre a liberdade de indiferença proposta pelo nominalismo e a liberdade de qualidade defendida pelos grandes pensadores cristãos, desde a Patrística, incluindo de um modo muito significativo S. Tomás de Aquino.

⁶⁷ Cf. PASSERI, S. Il concetto di Dio e la responsabilità di fronte al male: Hans Jonas. Dalla teodicea all'antropodicea, *Quaderni Teologici* n. 14, Morcelliana, Brescia 2004, p. 270-271.

consequente, na vontade divina em não eliminar a liberdade humana. Deste modo, o sofrimento redentor de Cristo não tira a possibilidade de sofrer, mas confere ao sofrimento um novo valor, pois o sofrimento surge na tensão interior, fruto da liberdade em escolher. Verifica-se, de qualquer modo, a vitória de Cristo sobre a morte, que foi reduzida à impotência (Cf. Hb 3,14). Jesus não suprime o sofrimento, mas consola (Mt 5,5), não elimina as lágrimas, no entanto, as enxuga. Em consequência, por detrás de todo o aspecto negativo do sofrimento se encontra uma escola de vida, meio de amadurecimento e formação. Enfim se percebe que a complexidade do sofrimento é tão profunda que entra na dimensão do mistério. Não existe uma única resposta, mas sim uma multiplicidade de respostas possíveis que, acenam elementos de verdade e senso, a começar pela Sagrada Escritura, que como já foi dito, oferece uma variedade de soluções, não podendo utilizar só uma, como se fosse a única resposta bíblica.

Esta grandeza moral é vivenciada por aqueles que, no evento pascal, encontram uma resposta adequada para uma compreensão sobre o senso moral do sofrimento. A partir da iniciativa divino-salvífica gratuita é que se constata o superamento do mal e o perdão dos pecados, um dom que requer também a resposta livre, singular e humana. Aqui se constitui uma realidade ético-religiosa capaz de ir além da dor enquanto momento de crescimento e transformação humanas. Nesta ótica, sim, pode-se verificar um senso para sofrimento que se padece. Uma vida privada da fé, no momento da doença, do sofrimento nada tem que acrescentar, porém, através da fé em Cristo, evento salvífico-libertador, abre-se a uma possibilidade de uma vida rica em um momento de diálogo e compaixão. Isto não significa querer sofrer no senso masoquista⁶⁸, porquanto o sofrimento não pode ser fim em si mesmo, mas sim sofrer e viver tendo o respaldo da fé que aponta para a esperança. É verdade que essa busca de senso é de tal modo impressionante que a psicologia, medicina, antropolo-

⁶⁸ FRANKL, V. E. *op. cit.*, p. 86: “Cosicché la sofferenza, per essere piena di senso, non può essere fine a se stessa. Altrimenti la disposizione a soffrire ed a sacrificarsi si trasformerebbe in masochismo. Una sofferenza ha senso quando è una sofferenza ‘per amor di...’ Mentre la si accetta, non solo la si affronta ma, attraverso di essa, si ricerca qualcosa che non è ad essa identica: la si trascende”; Frankl apresenta uma definição de masoquismo e de como não se deve entender o sofrimento como fim: “In cosa consiste il masochismo? Nel tramutare il dispiacere in piacere! Dalla parte opposta del masochista c’è l’uomo che non falsifica il dispiacere in piacere, ma trasforma la sofferenza in una prestazione. Ben lontano dall’ipersensibilità alla sofferenza o dal suo compiacimento, egli cerca l’intenzionalità della sofferenza, non come fine a se stessa, bensì transcendendola, cercando attraverso di essa il motivo per cui soffrire: il sacrificio.”

gia, filosofia e a teologia são chamadas a um trabalho conjunto, para oferecer uma resposta, que colabore de forma mais eficaz em preservar a dignidade humana através de uma forma adequada que leve o homem contemporâneo a compreender o senso moral do sofrimento.

No afrontar o sofrimento, um dado digno de relevância se encontra na capacidade do ser humano crente⁶⁹. Aquele que possui uma certa forma de controle interno é mais propenso a encarar positivamente suas próprias capacidades diante da dor e é capaz de em boa medida controlar esta realidade no aspecto de uma maturidade que se aprofunda ao longo da experiência. O perigo poderia acontecer quando diante de um evento incontrolável, tal qual seria a doença sem possibilidade de cura, a pessoa se sentir desiludida e desesperançada. De uma certa forma a fé da pessoa que interage com o sofrimento não seria autenticamente profunda e transformadora, mas sim, uma religiosidade infantilizada e privada de senso, que facilmente desmorona como um castelo de areia por permitir que o senso da impotência seja mais forte que a esperança⁷⁰. Aqui se constata a interessante realidade de certas personalidades que são capazes de superar momentos extremamente difíceis e outras que, por uma pequena ou média dificuldade não são capazes de superar e vencer tal situação.

O senso moral para o sofrimento é reavaliar a consciência de si mesmo. Nesta experiência se percebe de um modo muito profundo a individualidade humana sendo algo personalíssimo que revela também a dimensão autotranscendente do homem que o faz sair de si mesmo e voltar-se para o outro. Neste aspecto a *Salvifici Doloris* apresenta reflexões riquíssimas (SD, n. 5.7-9). Aqui se descobre mais fortemente a fé, como momento de crescimento interior sendo capaz de consolar aqueles que tanto precisam, ou seja, um libertar-se do individualismo, numa abertura total à solidariedade em relação àqueles que passam pela mesma situação. É verdade que muito se diz sobre a importância de aceitar o sofrimento, porém é preciso também enfrentá-lo, procurando transcendê-lo⁷¹, e isso só é possível, quando existe amor. O sofrimento, passa

⁶⁹ JOÃO PAULO II, *Messaggio La celebrazione ai fedeli di tutto il mondo in preparazione alla Giornata mondiale del malato*, OR 4.7.1997: “A differenza di quanti “non hanno speranza”, il credente sa che la stagione del soffrire rappresenta un’occasione di vita nuova, di grazia e di risurrezione.”

⁷⁰ CHIODI, M. *op.cit.*, p. 31-32.

⁷¹ JOÃO PAULO II, *Mensagem Como em otros viajes*, città del Messico, 24.1.1999, OR 30.1.1999 (EV 18 n. 200): “El sufrimiento se transforma y sublima cuando se es conciente de la cercanía y solidaridad de Dios em esos momentos. Es es ala certeza que da la paz interior y la alegría espiritual propias del hombre que sufre generosamente y ofrece su dolor. El que sufre com esos

a ser pleno de significado não como fim em si mesmo, mas como um instrumento e sinal de amor, pois vai além do próprio sofrimento que transcende e faz voltar-se para Aquele que “por amor” sofreu, um sofrimento transformado em sacrifício. À entrega de Cristo se associa a alegria e maturidade do cristão que, a exemplo do seu Mestre, oferta seu sofrimento⁷².

Partindo do princípio de que o homem se sente atraído pela busca de valores, se constata que é possível perceber o modo de interagir com o sofrimento através de uma adequação apropriada, gerando um valor de comportamento enriquecido com a possibilidade de senso. Esse valor de comportamento atinge um nível ético muito importante,⁷³ e isso requer uma capacidade de sofrer que só se consegue na própria experiência, ou seja, no padecer. É uma educação ao sofrimento, ou seja, um modo de interagir com o problema que não significa apatia ou uma incapacidade de sofrer excluindo tal oportunidade única de valor através desta experiência. Neste momento educativo, o homem se decide, se compreende de um modo profundo e autêntico, pois no seu agir e interagir com o sofrimento revela o que realmente é⁷⁴. Seu modo de agir diante da realidade do sofrimento revela a capacidade moral do ser humano e sua condição de amadurecimento no plano psico-espiritual. De outra forma o sofrimento privado de senso se torna insuportável, isto é, o homem sofre por não possuir a capacidade de sofrer, ou seja, de encontrar um modo positivo e maduro de enfrentar tal realidade. Os exemplos de pessoas que, mesmo diante de uma limitação possuírem um modo de agir positivo, são vários. Por não se deixarem abater, foram capazes de abrirem-se para novas possibilidades, desenvolvendo um autêntico valor de comportamento transmitindo aos enfermos e sofredores, coragem e consolação⁷⁵ e adquirindo um riquíssimo valor moral

sentimientos no es una carga para los demás, sino que contribuye a la salvación de todos com su sufrimiento”.

⁷² CHIODI, M. *op. cit.*, p. 34-35.

⁷³ FRANKL, V. E. *op. cit.*, p. 76-77.

⁷⁴ BORGONOVO, G. *Karol Wojtyła / Giovanni Paolo II: una passione continua per l'uomo*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2003, p. 101-102: “Ogni ‘voglio’ realmente umano, cioè, racchiude nel suo pieno contenuto non solo il momento intenzionale, ma anche, e soprattutto, il momento dell’autodeterminazione, in virtù del quale l’uomo può stabilire il suo fieri essenzialmente personale. Volendo questo o quello, l’uomo decide anzitutto di sé; scegliendo ‘qualcosa’ diviene ‘qualcuno’. E dal momento che la struttura dell’autodeterminazione rivela (ma rivelando pressupone) le strutture dell’autopossesso e dell’autodominio come essenziali per la persona, il movimento della volontà libera viene a coincidere, di fatto, con la stessa dinamica dell’autodeterminazione.”

⁷⁵ FRANKL, V. E. *op. cit.*, p. 80-81.

no modo de interagir com a dor, mostrando uma grande capacidade de domínio interior, não permitindo que a situação limite comprometa a existência porque para si mesmos alimentaram este princípio: eu tenho esta limitação ou enfermidade que devo considerar como uma tarefa, obstáculo a ser ultrapassado; agora depende de mim decidir o que fazer; afrontá-lo ou lamentar. A riqueza moral no sofrimento está nesta postura de vida, ou seja, não se renuncia à liberdade interior mesmo diante da limitação provocada pelo sofrimento tanto físico como espiritual (se pode dizer também moral) apresentando claramente a grande dignidade ética do ser humano.

A partir desta linha reflexiva chega-se ao ponto chave do aspecto moral do sofrimento, pois, a

tarefa da reflexão moral é de mostrar as condições concretas na qual, através das várias formas de sofrimento, o fiel, na comunidade, pode ser efetivamente aberto a um caminho educativo, no qual aprende a obediência através daquilo que padece. Trata-se, portanto, de indicar a forma tipológica para um caminho moral e espiritual, no qual, também na prova do desejo, ao fiel é dada a possibilidade de esperar [...]. No tempo da doença se revela momento bom, oportuno (*chairós*) para a educação da vontade, já que o abre a uma esperança [...]⁷⁶.

Em outras palavras, a vontade, a partir da fé cresce no esperar, na certeza de um dom que vem do alto (Cf. Jo 3,1-21), como a busca de um senso, também, demonstra o testemunho de tantos, tornando esta experiência mais suportável.

1.4 Parte conclusiva

Foi dito que a resposta para um senso ao sofrimento é por demais complexa e, portanto, não se deve conformar com uma que seja definitiva, por conseguinte, a linha de reflexão segue uma tentativa de encontrar um senso nas várias respostas encontradas na Sagrada Escritura, e em pensadores quer sejam filósofos, teólogos, psicólogos, mas a principal de todas: o testemunho de Cristo com seu próprio sofrimento que, de uma certa forma, faz perdurar tal resposta, na vida de tantos sofredores e que, com seu gesto eloquente de fé, esperança e fortaleza, causam admiração e coragem suscitando um senso em viver, apesar de tudo. Somente o amor de Cristo, capaz de dar a vida em plena obediência e aceitação da cruz, ajuda a compreender a dimensão salvífica

⁷⁶ CHIODI, M. *op. cit.*, p. 267.

do sofrimento⁷⁷ e seu valor pedagógico, como também psicológico. A própria experiência ensina que no processo educativo da pessoa onde se deve evitar satisfazer todos os caprichos, um pouco de sofrimento, de experiência do limite é importante para adquirir uma boa personalidade e amadurecimento. Não somente no caso do desenvolvimento educativo. Os homens de todas as idades podem e devem encontrar, neste caminho, que todos, inevitavelmente passam, um meio de crescimento⁷⁸. Os testemunhos são inúmeros.

O sofrimento leva o homem a confrontar-se com si mesmo ajudando-o a refletir, coisa rara em uma sociedade sempre com pressa. O homem, portanto, para, repousa, repassa sua vida. A dor revela não só a essência das coisas, como também personaliza, fazendo com que o homem se interroge sobre o senso da própria existência. O ser humano vive uma experiência de completeza, de contínuo desenvolvimento e, no sofrimento, pode alcançar a sua meta. Há também um certo aspecto positivo no sofrimento e na dor quando se tornam uma advertência diante de uma dificuldade ou quando o organismo passa por algum perigo de modo que se possa ter tempo suficiente para impedi-lo.

O sofrimento põe à prova a pessoa. Isso pode ameaçar sua fé e sentido no viver, mas, pode também ser uma oportunidade na aquisição de virtudes e sensibilidade em compreender o outro, pois, só uma pessoa que sofre é capaz de ter um olhar novo, de compaixão para com o seu semelhante que participa da mesma experiência. Emerge, da mesma forma, a dimensão transcendental, pois, este mundo não é encarado como algo definitivo. Como consequência, gera no ser humano uma capacidade criativa e superação das dificuldades.

O sofrimento pode ser uma estrada para realização pessoal se os valores que cercam a pessoa estão na linha de serviço e um fim, diferentes do homem que tem como valor seu triunfo egoísta e êxito social permanecendo incapaz de aceitar e compreender um senso. O ser humano, diz Frankl é paixão, a essência do homem está no ser sofredor: *homo patiens*, pois quem sofre experimenta uma visão simples, pura da verdade que o faz livre⁷⁹.

O sofrimento se torna um valor maior ainda quando revela a sua parte espiritual. A narração autobiográfica de Solzenitzyn é impressionante ao des-

⁷⁷ MCDERMOTT, J. M. *op. cit.*, p. 101: "Al centro della fede cristiana c'è la croce: alla sua luce la sofferenza acquista il suo vero significato."

⁷⁸ SD, n. 27: "Mais do que qualquer outra coisa, o sofrimento é que abre caminho à graça que transforma as almas humanas. Mais do que qualquer outra cosa, é ele que torna presentes na história da humanidade as forças da Redenção".

⁷⁹ Cf. FRANKL, V. E. *op. cit.*, p. 84.

crever seu amadurecimento interior enquanto estava como prisioneiro no Arquipélogo Gulag:

E foi somente no arquipélogo Gulag, na podridão da prisão, quando senti no meu interior a primeira comoção de bem. Gradualmente me foi colocado de manifesto que a linha que separa o bem do mal passa, não através do Estado, nem das classes sociais, nem pelos partidos políticos, mas precisamente através do coração humano e de todos os corações dos homens... E agora eu me volto para o período do encarceramento e afirmo diante do espanto daqueles que me circundam: Bendita seja, prisão⁸⁰.

O problema da dor nunca será resolvido se busca uma resposta no mundo material, natural. Só no plano espiritual, em Cristo, é possível encontrar um senso⁸¹. Alguns se aproximam de Deus, outros não. Os que se distanciam só encontram desespero. Por isso o Papa na Carta *Salvifici Doloris* diz que o sofrimento é muito maior para aqueles que não encontram uma resposta que satisfaça⁸², ou seja, somente encontra frustração, conflitos consigo mesmo e com os outros. É no amor que se encontra o princípio originário do homem e o fim. Por conseguinte, o amor que deve guiar cada passo, mesmo diante da desilusão e adversidades. Esta é a verdade revelada em Cristo, Amor Encarnado.

Não é por acaso que os primeiros cristãos se debruçaram sobre estes capítulos de Isaías, particularmente no Servo Sofredor, quando procuravam nas Escrituras luzes para compreender o destino do seu mestre, Jesus. As curas que realiza já dão testemunho da sua vontade de assumir por amor os sofrimentos dos outros (Mateus 8,16-17). Todavia, é, sobretudo, a sua forma de enfrentar uma morte terrível que rompe o círculo infernal do mal. A condenação de um justo que responde através do perdão (Lc 23,47.34) permite a realização do desígnio de Deus, que é tornar as multidões justas (Is 53,10-11). Dito de outra forma, o sofrimento de um inocente, vivido até o fim, dá a todos os homens a leveza de uma inocência recuperada. O sangue de Jesus é “mais eloquente do que o de Abel” (Hb 12, 24), pois é o sangue de um Deus derramado como uma fonte sem fim de vida nova. O último livro da Bíblia, o Apocalipse de S. João, explicita este processo no capítulo 6, através da sua visão do desenrolar da his-

⁸⁰ MUGGERDGE, M. *Conversión, um viaje espiritual*. Madrid: Rialp, 1992, p. 104.

⁸¹ MCDERMOTT, J. M. *op. cit.*, p. 123: “Il senso pieno della sofferenza non può essere rivelato se non in riferimento a questa fondamentale comunione salvifica del Cristo e della sua Chiesa: solamente l'unione con Cristo, la sua partecipazione alla sua vida divina, di amore relativizza ogni sofferenza.”

⁸² Cf. SD, n. 10.

tória humana. Trata-se de um livro selado com sete selos. Os quatro primeiros descrevem a humanidade deixada por sua conta, a seguir uma curva inexorável que desce para a morte. Com o quinto selo entra-se em um movimento inverso que é a atividade salvadora de Deus. E isso começa justamente com o grito das “almas dos que tinham sido mortas...” (Ap 6,9-11), em quem se deve ver não só os mártires cristãos, mas “todo o sangue inocente derramado sobre a terra, desde o sangue do inocente Abel” (Mt 23,35; ver Ap 18,24). Em Deus, o sangue dos inocentes recebe uma eficácia que contraria os efeitos destrutivos da violência. A sua aparente derrota, inaugura um movimento de libertação que culmina na cruz de Cristo. É isso que manifesta a abertura do selo seguinte, onde se trata do “grande Dia da cólera do Cordeiro” (Ap 6,17). A “cólera de Deus” é o termo técnico utilizado na Bíblia para exprimir a sua resposta ao pecado, que visa restabelecer a justiça posta em causa. Aqui, refere-se ao ato através do qual Jesus toma sobre si todo o mal humano sofrendo as suas consequências até ao limite, no seu próprio corpo (1 Pd 2,21-24). Ao dar a vida até ao fim, Jesus partilha o destino de todas as vítimas inocentes e assegura assim que o seu sofrimento não foi em vão. Leva o sofrimento deles até o interior da sua própria relação com aquele a quem chama Abbá, Pai, e, visto que o Pai o escuta sempre (Jo 11,42), tem-se a garantia de que esse sofrimento não foi em vão levando ao desaparecimento da antiga ordem mundial marcada pela injustiça e a aparição “de novos céus e de uma nova terra, onde a justiça habitará” (2 Pd 3,13). Eis a resposta definitiva, vivida e dada a toda a humanidade. Longe de tolerar um só momento que seja o sofrimento dos inocentes, no seu Filho único, Deus bebe com eles esse cálice da amargura e, ao fazê-lo, transforma-o em cálice de bênção para todos.

O sofrimento só pode ser aceito quando se encontra um sentido, e tal sentido só se encontra em Cristo⁸³. A novidade do sofrimento e da morte de Cristo, melhor dizendo, a novidade do sofrimento e da morte que se pode verificar em Cristo, é um valor na história, quer se aceite ou não. Um valor que ninguém mais poder eliminar do mundo. Um valor que mudou profundamente a história humana mesmo que a realidade demonstre o contrário. O mundo,

⁸³ BIZZOTTO, M. *Il grido di Giobbe – l'uomo, la malattia, il dolore nella cultura contemporanea*. Milano: San Paolo, 1995, p. 130-131: “Egli prende su di sé la sofferenza altrui e si propone come esempio di amore. Si ama per dare, e questo è possibile partendo da una radice sana, tenendo il cuore forte e saldo di fronte alle contrarietà. Nelle parole e nelle azioni di Cristo il sofferente non incontra tracce di risentimento, è anzi coinvolto in un messaggio lieto, gli viene aperto un mondo opera dell'amore, dove scorgendosi amato impara a sua volta ad amare.”

em particular o mundo do sofrimento, não pode mais ser analisado como se Jesus não o tivesse vivenciado até às últimas consequências.

Do questionamento, o crente, iluminado por Cristo entende que agora, sente-se vocacionado, chamado a testemunhar a cruz, e a oferecer este sofrimento pela salvação do mundo⁸⁴ unido aos outros irmãos sofredores, na Igreja. A paixão de Cristo reveste o sofrimento com uma dimensão nova por ser associado ao amor⁸⁵. Não é possível encontrar uma resposta válida para o problema do sentido do sofrimento senão tendo presente, a vida de Jesus e seu sofrimento. Em sua vida esta realidade não foi algo acidental, mas pertence essencialmente à sua obra de salvação. Por isto a primeira pregação cristã vê o sofrimento de Jesus como obra de expiação, assumida por substituição pelo Servo de Deus (At 8,30-35)⁸⁶.

A pergunta do porquê do sofrimento no mundo é dada pelo Papa relacionando com o Amor, única forma de compreender esta experiência que pode ser fonte de grande riqueza ou desintegração interior. Somente o amor pode responder, um Amor Crucificado:

O sofrimento está presente no mundo para desencadear o amor, para fazer nascer obras de amor para com o próximo, para transformar toda a civilização humana na “civilização do amor” Com este amor é que o significado salvífico do sofrimento se realiza totalmente e atinge a sua dimensão definitiva... Cristo ensinou o homem a fazer o bem com o sofrimento e, ao mesmo tempo, a fazer bem a quem sofre. Sob este duplo aspecto, revelou cabalmente o sentido do sofrimento.⁸⁷

⁸⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, 30.12.1988 n. 54: “Um dos objetivos fundamentais desta renovada e intensificada ação pastoral, que não pode deixar de envolver, e de forma coordenada, todos os componentes da comunidade eclesial, é considerar o doente, o diminuído físico, o que sofre, não simplesmente objeto do amor e do serviço da Igreja, mas sim, *sujeito ativo e responsável da obra de evangelização e de salvação*. Nessa perspectiva, a Igreja tem uma boa nova a dar no seio da sociedade e da cultura que, tendo perdido do sofrer humano, ‘censuram’ todo o discurso sobre essa dura realidade da vida. E a boa nova consiste no anúncio de que o sofrer pode ter também um significado positivo para o homem e para a própria sociedade, chamado, como é, a tornar-se uma forma de participação no sofrimento salvífico de Cristo e na Sua alegria de Ressuscitado e, portanto, uma força de santificação e de edificação da Igreja”.

⁸⁵ SD, n. 18: “A cruz de Cristo tornou-se fonte da qual brotam rios de água viva. Nela devemos também reformular a pergunta sobre o sentido do sofrimento, a ler aí até o fim a resposta a tal pergunta”.

⁸⁶ Cf. SCHARBERT, J. *Dicionário de Teologia* V 5. São Paulo: Loyola, 1987, p. 265.

⁸⁷ Cf. SD, n. 30.

Somente quando se compreende o sofrimento em união com Cristo, é possível explicar um autêntico modo cristão de agir, descobrindo conforto na perseguição e aflições e, mais ainda, é possível partilhar os sofrimentos considerando uma graça sofrer por Ele (Fl 1,29). A verdadeira resposta, silenciosa, no entanto, que Deus oferece aos questionamentos sobre o sofrimento é Cristo encarnado, morto e ressuscitado. Jesus não elaborou uma teoria sobre a dor e a morte, não se preocupou de explicar o motivo desta realidade humana, ao contrário, Ele fez muito mais, assumiu sobre si mesmo todas as dores do mundo e aceitou morrer, cercado de angústias, como todos os homens⁸⁸. Ele ensina que é um erro duvidar da fidelidade e amor de Deus por causa da experiência da dor, da doença e da morte. Em Cristo pode-se ler um sentido pleno da vida e da morte de cada ser humano.

Referências

ANGELINI, F; REDRADO, J. L.; RUFFINI, F. (a cura di). *Giovanni Paolo II e la sofferenza*. Gorle: Velar, 1995.

ANGELINI, G. *Homo Patiens* – prospettive sulla sofferenza umana. Roma: Armando Editore, 2003.

BENTO XVI, *Homilia por ocasião do início de pontificado (24.4.2005)*, L'Osservatore Romano, 25.4.2005.

BIZZOTTO, M. *Il grido di Giobbe* – l'uomo, la malattia, il dolore nella cultura contemporanea. Milano: San Paolo, 1995, p. 130-131.

BORGONOVO, G. *Karol Wojtyła: uma passione continua per l'uomo*, Rubbettino editore, Soveria Mannelli 2003.

⁸⁸ SD, n. 26: “A resposta que lhe chega mediante essa participação, ao longo da caminhada de encontro interior com o Mestre, é, por sua vez, algo mais do que a simples resposta abstrata à pergunta sobre o sentido do sofrimento. Tal resposta é, sobretudo, um apelo. É uma vocação. Cristo não explica abstratamente as razões do sofrimento; mas, antes de mais nada, diz: “Segue-me!”. Vem! Participa com o teu sofrimento nesta obra da salvação do mundo, que se realiza por meio do meu próprio sofrimento! Por meio da minha Cruz.” O Papa João Paulo II recorda que através de uma entrega pessoal no caminho da cruz é que se descobre um senso: “À medida que o homem toma a sua cruz, unindo-se espiritualmente à Cruz de Cristo, vai-se-lhe manifestando mais o sentido salvífico do sofrimento. O homem não descobre este sentido segundo o seu nível humano, mas segundo o nível do sofrimento de Cristo. Do plano em que Cristo se situa, desce ao nível do homem o sentido salvífico do sofrimento e torna-se, de algum modo, a sua resposta pessoal. É então que o homem encontra no seu sofrimento a paz interior e mesmo a alegria espiritual.”

- BORGONOVO, G. *Karol Wojtyła /Giovanni Paolo II: una passione continua per l'uomo*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2003, p. 101-102.
- CASCONE, M. *Diakonia della vita – Manuale di Bioetica*. Roma: Edizione Università della Santa Croce, 2004.
- CHIODI, M. *L'enigma della sofferenza e la testimonianza della cura*. Milano: Glossa, 2003.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1500-1501.
- COMISSIO THEOLOGICA INTERNATIONALIS, *Quaestiones selectae de Deo Redemptore*, 29.11.1994 (EV14 n. 1839).
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA EM CD-ROM.
- ESCRIVÀ, S. JOSÉ MARIA. *Es Cristo que pasa*. Madrid: Rialp, 1973.
- FRANKL, V. E. *Alla ricerca di un significato della vita*. Milano: Mursia, 2001.
- FRANKL, V. E. *Homo Patiens. Soffrire com dignità*. Brescia: Queriniana, 2002.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 18.5.1986, n. 39.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, 25.3.1995, n. 23.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, 25.3.1995, n. 15.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, 25.3.1995, n. 97.
- JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, 30.12.1988 n. 54.
- JOÃO PAULO II, *Exortation apostolique post-synodale Une espérance nouvelle pour le Liban*, 10.5.1997 n. 34 (EV16 n. 381).
- JOÃO PAULO II, *Mensagem Como em otros viajes*, città del Messico, 24.1.1999, OR 30.1.1999 (EV 18 n. 200).
- JOÃO PAULO II, *Mensagem para a II jornada mundial do enfermo*, 8.12.1993.
- JOÃO PAULO II. *Mensagem para a II jornada mundial do enfermo*, 8.12.1993, p. 93-94.
- JOÃO PAULO II, *Messaggio La celebrazione ai fedeli di tutto il mondo in preparazione alla Giornata mondiale del malato*, OR 4.7.1997.
- MARTINS, J. S. Tra resistenza e resa: il mistero Del dolore a vent'anni della Salvifici Doloris. In: CINÀ, G. (a cura di). *Il dolore tra resistenza e resa*. Torino: Camilliane, 2004.
- MCDERMOTT, J. M. *La sofferenza umana nella Bibbia*. Roma: Dehoniane, 1990.
- MORICONI, B. *La sofferenza tra silenzio e coinvolgimento di Dio*, “Il dolore tra resistenza e resa”, (a cura di G. CINÀ). Torino: Camilliane, 2004.

- MUGGERDGE, M. *Conversión, um viaje espiritual*. Madrid: Rialp, 1992.
- ONAH, G. I. L'unità sostanziale e la trascendenza dell'uomo patiens. In: ESCLADA, R.; FRANCESCO, F. (a cura di). *Homo Patiens – Prospettive sulla sofferenza umana*, (a cura di). Roma: Armando Editore 2003, p. 158-159.
- PASSERI, S. Il concetto di Dio e la responsabilità di fronte al male. In: CANOBBIO, G.; DALLA VECCHIA, F.; TONONI, R. (a cura di). *Quaderni Teologici* n. 14. Brescia: Morcelliana, 2004.
- PINCKAERS, S. *Le fonti della morale cristiana*. Milano: Ares, 1992.
- SABUY, P. Il significato antropologico della sofferenza umana: riflessioni su un'apparente tautologia. In: ESCALANDA, R.; RUSSO, F. (a cura di). *Homo Patiens – Prospettiva sulla sofferenza umana*. Roma: Armando editore, p. 163, 2003.
- SCHARBERT, J. *Dicionário de Teologia* V 5. São Paulo: Loyola, 1987.
- TETTAMANZI, D. *Dizionario di bioetica*. Casale Monferrato: Piemme, 2002, p. 377-378.
- TONONI, R. Perché Dio ci lascia soffrire?. In: CANOBBIO, G.; DALLA VECCHIA, F.; TONONI, R. (a cura di). *Quaderni Teologici*. Brescia: Morcelliana, 2004.
- ZOFFOLI, E. *Dizionario del Cristianesimo*, Sinopsis Iniziative Culturali, Roma, 1992.
- W. RAUCH (a cura di), *Dizionario del Cattolicesimo nel mondo moderno*, Paoline, Roma, 1964.

Artigo recebido em 21 de outubro de 2014
e aprovado para publicação em 12 de janeiro de 2016